UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ESTUDO DA INTERAÇÃO DE ÁCIDOS NUCLEICOS COM O NANOPORO ADAPTADO DA α-HEMOLISINA

ANNIELLE MENDES BRITO DA SILVA

Orientadora: Professora Doutora Adriana Fontes
Co-orientador: Professor Doutor Gustavo de Miranda Seabra

RECIFE-PE
2013

ANNIELLE MENDES BRITO DA SILVA

ESTUDO DA INTERAÇÃO DE ÁCIDOS NUCLEICOS COM O NANOPORO ADAPTADO DA α-HEMOLISINA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Concentração em Biotecnologia.

Orientadora: Professora Doutora Adriana Fontes

Co-orientador: Professor Doutor Gustavo de Miranda Seabra

RECIFE-PE

2013

Catalogação na Fonte:
Bibliotecário Bruno Márcio Gouveia, CRB-4/1788

Silva, Annielle Mendes Brito da
Estudo da interação de ácidos nucleicos com o nanoporo adaptado da α-hemolisina / Annielle Mendes Brito da Silva. – Recife: O Autor, 2013.

78 f.: il., fig., tab.
Orientadora: Adriana Fontes
Coorientador: Gustavo de Miranda Seabra
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Ciências Biológicas. Pós-graduação em Ciências Biológicas, 2013.
Inclui bibliografia e anexos

1. Bioquímica genética 2. Ácidos Nucleicos I. Fontes, Adriana (orient.) II. Seabra, Gustavo de Miranda (coorient.) II. Título.

572.8 CDD (22.ed.) UFPE/CCB-2014-001

ANNIELLE MENDES BRITO DA SILVA

ESTUDO DA INTERAÇÃO DE ÁCIDOS NUCLEICOS COM O NANOPORO ADAPTADO DA α-HEMOLISINA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Concentração em Biotecnologia.

Orientadora: Professora Doutora Adriana Fontes

Co-orientador: Professor Doutor Gustavo de Miranda Seabra

Data da Defesa: 28 de fevereiro de 2013

Resultado: APROVADA

Banca Examinadora

TITULARES

_____

Dra. Adriana Fontes (Departamento de Biofísica e Radiobiologia – UFPE)

_____

Prof. Dr. Cláudio Gabriel Rodrigues (Departamento de Biofísica e Radiobiologia – UFPE)

_____

Prof. Dr. Roberto Dias Lins Neto (Departamento de Química Fundamental – UFPE)

SUPLENTES

_____

Prof. Dra. Rosa Amália Fireman Dutra (Departamento de Engenharia Biomédica – UFPE)

_____

Prof. Dra. Maria Danielly Lima de Oliveira (Departamento de Bioquímica – UFPE)

Aos meus pais e à minha irmã.

Não há amor maior!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a quem me deu o dom da vida e da sapiência, ao maior de todos os cientistas e criador do experimento mais perfeito de todos os tempos, que é o nosso universo. A ELE seja dado todo o crédito pelas páginas que vêm sendo escritas na nossa existência.

Agradeço aos meus pais, Mércia e Rômulo, e à minha irmã Amanda, que com muita paciência souberam lidar com minhas ausências, momentos de ansiedade, madrugadas em claro e, por muitas vezes, choro incontido. À minha avó Helena e minha tia Marciana, pelo ombro amigo nas horas que mais precisava, mesmo que fosse pra conversar qualquer besteira, ou reclamar de experimentos dando errado, sempre me apoiando e fingindo que estavam entendendo tudo o que eu falava.

Aos amigos tão importantes em minha vida. Estando sempre próximos, mesmo que distantes, através do Facebook, de uma ligação telefônica ou de uma SMS. Sempre presentes em minha vida, ouvindo os meus problemas e me perdoando quando tinha que trabalhar nos fins de semana em que não ia às baladas.

Aos amigos biomédicos e estudantes de Biomedicina, que passaram bastante tempo ao meu lado, ouvindo, ajudando, dando sugestões e puxões de orelha, vocês, o meu agradecimento.

À família que nasceu no PPGCB e no SICBIO 2011. Muito obrigada a vocês, que fizeram os dias de aulas serem mais felizes.

À professora Tereza Correia e a Adenilda por todo o suporte que foi dado durante esses anos de mestrado no PPGCB e pela paciência e dedicação ao trabalho.

Agradeço à CAPES, ao CNPq e ao INAMI, pelo auxílio financeiro e a todos que fazem parte do Departamento de Biofísica e Radiobiologia, da UFPE, por ter sido a minha segunda casa durante todos esses anos.

Aos companheiros do Laboratório de Biofísica das Membranas – UFPE. Especialmente. Adriana, professora Márcia, professor Reginaldo e professor Cláudio, por ter aturado os momentos de estresses durante esses seis anos de convivência e por ter segurado as "pontas" no LBM, nos momentos de dificuldade. À professora Liliya Yuldasheva que sempre me deu apoio e uma palavra de conforto. Não poderia esquecer do companheiro de laboratório e de aventuras, agora Mestre em Ciências Biológicas, Alberto Fragoso, por quem tenho carinho e amizade adimensionais. Podemos dizer, agora: "Conseguimos, apesar dos tropeços, impedimentos e incansáveis lutas. Nossa perseverança foi maior, companheiro!"

Aos amigos que conheci nas viagens e que passaram a ser meus parceiros de pesquisa em várias partes do Brasil e fora dele, Alice Ornelas, Rômulo Moraes, Ana Carolina Delfino, Rodrigo Vargas, Williams Porto, Moema Monteiro, Sarah Maluf, Romina Sepúlvera, Diana Monte e Sobia Halin. Muito obrigada (Thank you!) pelas dúvidas tiradas e pela ajuda de tão bom grado.

Agradeço ao pessoal do Laboratório de Química Teórica do DQF-UFPE, Carlos, Carol, Diego e Eduardo. Esta foi a minha família profissional nos últimos meses do mestrado. Não posso esquecer o Professor Gustavo Seabra, que me recebeu de braços abertos e aceitou o desafio de ensinar química teórica a uma biomédica que não sabia fazer nada além de bicamadas lipídicas.

Muito obrigada a Maria Seabra, por ter feito a indicação ao professor Gustavo Seabra. Não sei o que seria do meu mestrado sem essa ajuda.

À professora Adriana Fontes, por ter assumido a minha orientação e me aceitado como uma das suas alunas, ajudando-me a resolver minhas dificuldades.

Agradeço aos amigos do PPGIT, congresso da ABCF e Farmácia, Breno, Leidiane, Douglas, Thiago, Marina, Diego, Magda, Vanessa e Diogo, pelo apoio, horas de alegria e companheirismo.

À Professora Suely Galdino, com quem passei tão pouco tempo, mas senti enorme carinho e admiração. Sou muito grata a ela por ter ajudado a me tornar o que sou hoje. Guardo com muitas saudades os seus ensinamentos.

Por último, e não menos importante, agradeço ao Professor Oleg Krasilnikov, que antes de sua partida, me ensinou não apenas a ser uma cientista, mas a “viver a ciência”. A ele, eu devo a persistência e vontade de obter conhecimento. Enormes saudades!

“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento.” (Provérbios 3:13)

"*Faça o que puder, com aquilo que você tem, onde você está.*" (*Theodore Roosevelt)*

“Nós somos madeira de lei que cupim não rói.” (Capiba)

RESUMO

O nanoporo formado pela incorporação da α-hemolisina em bicamadas lipídicas planas é considerado modelo de nanoporo proteico para elucidação do mecanismo de transporte de moléculas e no desenvolvimento de dispositivos analíticos - biossensores, espectrômetros de massa e sequenciadores moleculares. O conhecimento da interação de nucleotídeos com o nanoporo da α-hemolisina é de especial interesse, pois, alguns estudos sugerem varias metodologias para a utilização deste nanoporo como sequenciador de DNA em tempo real. Apesar de todos os avanços, a principal dificuldade operacional para obtenção de um sequenciador baseado na tecnologia "nanopore sensing", é a rapidez na translocação do DNA através do nanoporo; dificultando a discriminação adequada das bases. Neste contexto é imprescindível fazer adaptações moleculares no nanoporo visando o aumento do tempo de permanência do DNA e da energia de interação deste com o nanoporo. As principais estratégias disponíveis para produção de nanoporos adaptados são: mutações sítio dirigidas e funcionalização química. Ambas são de elevado custo e tempo de experimentação. Neste trabalho utilizamos técnicas de simulação computacional para obtenção, a nível atomístico, a interação do DNA com o nanoporo da α-hemolisina na sua forma nativa e adaptada em posições estratégicas previamente selecionadas por modelagem molecular. As técnicas utilizadas baseiam-se na dinâmica molecular fora do equilíbrio e na Relação de Jarzynski, na qual a média do trabalho realizado ao deslocar o DNA ao longo do nanoporo proteico é estatisticamente relacionada à energia livre do processo. As informações sobre as interações do DNA-nanoporo obtidas podem predizer, teoricamente, os nanoporos mais promissores para serem testados experimentalmente. Realizou-se a seleção das mutantes que foram usadas e foram obtidos dados importantes sobre a parametrização das dinâmicas usando a relação de Jarzynski, como velocidade e constante de força que devem ser aplicadas ao sistema. Além disso, foram obtidas informações sobre a trajetória e contato do DNA com o interior do poro mutado e na forma selvagem, o que mostra a efetividade do sistema.

Palavras-chave: α-hemolisina, nanoporo, ácidos nucleicos, dinâmica molecular, energia livre, método de Jarzynski.

ABSTRACT

The nanopore formed by incorporation of α-hemolysin in planar lipid bilayers is considered a model protein nanopore for studying the mechanism of molecular transport and the development of analytical devices - biosensors, mass spectrometers and molecular sequencers. The understanding of the nucleotides interaction with the α-hemolysin nanopore is of special interest because some studies suggest several methods for using this as nanopore DNA sequencer in real time. Despite all the advances, the main operational difficulty to obtain a sequencer based on "nanopore sensing" technology is the fast translocation speed of the DNA through the nanopore, which hinders proper discrimination of the bases. In this context it is essential to make molecular adaptations to the nanopore in order to increase the residence time of the DNA and the interaction energy with the nanopore. The main strategies available for producing tailored nanopores are: site directed mutations and chemical functionalization. Both are costly and demand much experimentation. In this work we use computer simulation techniques to obtain, on the atomistic level, the interaction of DNA with α-hemolysin nanopores in its native form and adapted in strategic positions previously selected by molecular modeling investigations. The techniques used are based on nonequilibrium molecular dynamics and the Jarzynsnki's relation, wherein the average of the work performed by shifting the DNA along the nanopore protein is statistically related to the free energy of the process. We will use the obtained information about the interactions of DNA-nanopore to theoretically predict the most promising nanopores to be tested experimentally. We presented here a new model system for the simulation of DNA translocation through the α-hemolysin pore. The pore was constructed in vacuum, and restraints and implicit solvent with a low dielectric constant used to simulate the membrane environment. The control parameters for the multiple steered molecular dynamics simulations needed to obtain the potentials of mean force of translocation, pulling speed and force constant, were determined and tested with simulations of DNA translocation using the wild type and two different mutant pores, which were characterized by their translocation PMF, hydrogen bonding pattern, and pore diameter variation through the simulations. The results are promising and show that the model is stable and respond adequately to the changes in the pore.

Key-words: α-hemolysin, nanopore, nucleic acids, molecular dynamics, free energy, Jarzynski's method.

LISTA DE FIGURAS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

LISTA DE FIGURAS DO ARTIGO

LISTA DE TABELAS DO ARTIGO

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

O desejo de sequenciar o genoma humano rapidamente e por um valor acessível é um ponto de extrema importância na medicina, e de grande interesse comercial e tecnológico. A esperada acessibilidade e velocidade seria possível, por exemplo, ter o genoma sequenciado para um tratamento médico personalizado (WHEELER et al., 2008). Graças aos avanços da segunda geração de técnicas de sequenciamento de DNA, na primeira década do século XXI, o custo do sequenciamento de um genoma humano inteiro era cerca de U.S. $50.000 (BONETTA, 2010). No entanto, as tecnologias de segunda geração como 454 Life Sciences (Roche), Solexa (Ilumina) e Applied Biosystems SOLiD (Life Technologies), dependem de lentos ciclos de processamento enzimático e coleta de dados baseada em imagens (SHENDURE & JI, 2008). Neste contexto os candidatos mais prováveis para diminuição do custo e o tempo do sequenciamento do genoma humano seriam os sequenciadores de terceira geração, como o Pacific Bioscience's, sequenciamento de moléculas simples em tempo real por síntese (SMRT), baseado na determinação contínua de sequências de moléculas individuais de DNA por processos isentos de ciclos. Outra alternativa, mais viável, seria o sequenciamento por nanoporo, que também faz parte da terceira geração de sequenciadores (WANUNU, 2012).

Na abordagem do sequenciamento por nanoporo (tecnologia "*nanopore sensing*"), uma fita simples de molécula de DNA ou RNA é conduzida eletroforeticamente através de um único nanoporo e cada base é lida à medida que passa em um ponto de reconhecimento no interior do nanoporo. A corrente que é gerada pela passagem de íons (por exemplo, K^+ e Cl^-) através do nanoporo durante a translocação do DNA proporciona um sinal elétrico necessário para distinção de cada base. O nanoporo proteico formado pela α-hemolisina, proteína produzida pela bactéria *Staphylococccus aureus*, quando incorporado em uma bicamada lipídica plana, é considerado como uma das mais promissoras nanobioestruturas na produção de sequenciadores moleculares, uma vez que já se elucidou sua estrutura molecular cristalina (SONG et al., 1996); possui dimensão geométrica compatível com o DNA; e facilidade de adaptação por meio técnicas de engenharia genética e/ou modificação química (CLARKE et al., 2009; AKSIMENTIEV, 2010).

Um dos maiores problemas para utilização dos nanoporos de α-hemolisina como sequenciadores de ácidos nucleicos é a alta velocidade de translocação da fita de DNA através do interior do nanoporo. Isso faz com que a detecção das bases não ocorra de modo

eficaz e com confiabilidade. Neste contexto, buscam-se modos para diminuir a velocidade de translocação da fita de DNA e, consequentemente, aumentar o tempo de residência deste no interior do nanoporo proteico. As estratégias para superação desta dificuldade operacional consistem em: alteração na concentração ou composição das soluções iônicas (RODRIGUES et al., 2008; RODRIGUES et al., 2011; KOWALCZYK et al., 2012); ou alterações na estrutura da própria proteína, através de mutações sítio-dirigidas e/ou funcionalização química (MERZLYAK et al., 2005; CLARKE et al., 2009; RINCON-RESTREPO et al., 2011).

Neste trabalho empregamos técnicas de dinâmica molecular, usando softwares apropriados para os cálculos e análises. Desta forma, temos uma ferramenta para avaliar a modificação estrutural do nanoporo de α-hemolisina, analisando o perfil de energia livre, e assim obtendo sua interação com ácidos nucleicos, visando à predição de qual nanoporo modificado seria mais apto para aplicação como sequenciador de DNA.

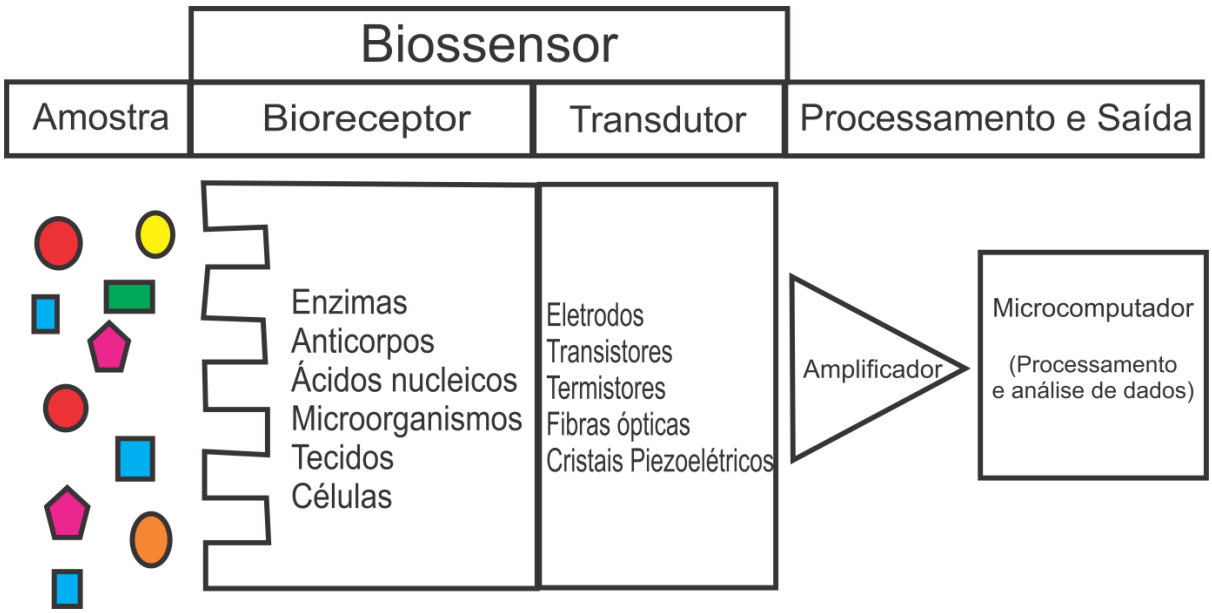
2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1.BIOSSENSORES: APLICAÇÕES E CLASSIFICAÇÃO

O biossensor é um dispositivo analítico capaz de detectar moléculas com características individuais (analito), além de permitir a aquisição, leitura ou transmissão de uma informação, no qual o elemento sensor é um material biológico ou derivado dele (ex: uma enzima, um anticorpo, uma proteína, DNA, etc.) (LOWE, 2007; VELUSAMY et al, 2010).

Este dispositivo pode ser representado esquematicamente por três partes **(Figura 1)**. A primeira (camada de reconhecimento biológico) é responsável pela detecção e é formada por uma molécula com suas funções biológicas ativas. A segunda parte é um transdutor de sinais que funciona como um estágio que interpreta os eventos biológicos, ocorridos na etapa de detecção, e os transforma em sinais eletrônicos. A terceira parte (processamento) diz respeito à interface onde são processados os sinais advindos do transdutor para torná-los visíveis em uma interface qualquer, como um medidor, um display ou monitor de computador (VELUSAMY et al.,2010).

Figura 1. Esquema geral dos componentes de um biossensor. O analito (amostra) entra em contato com a camada e reconhecimento (bioreceptor), este contato gera um sinal que é levado ao transdutor, posteriormente, amplificado e processado para análise (normalmente em microcomputador).



2.1.1 Aplicações dos Biossensores

Nos últimos anos, houve um aumento no interesse em pesquisas com biossensores devido à sua ampla aplicação em diversas áreas (LUONG et al., 2008; CLOAREC et al. 2008). No diagnóstico clínico e monitoramento da saúde tem-se o principal campo de pesquisa na área de biossensores, e está relacionado com a melhoria da qualidade de vida de pacientes, sendo realizado com rapidez e precisão (D'ORAZIO, 2011). Por muitas vezes os biossensores mostram resultados em tempo real. O exemplo que possui maior aplicabilidade, são os aparelhos portáteis para monitoramento da glicemia, principalmente usados por pacientes diabéticos. Estes aparelhos são "eletrodos amperimétricos enzimáticos", baseando-se na atividade da enzima glicose oxidase (FERNANDES, 2005; WANG, 2008). Também foram desenvolvidos sensores para a detecção de agentes patogênicos (NAYAK et al., 2009). Recentemente vem sendo desenvolvido um biossensor para a detecção de novos compostos com atividade anticancerígena (ABOU-GHARBIA et al., 2012).

Na indústria alimentícia, os biossensores são usados para controlar os processos de elaboração e seleção dos alimentos de modo a detectar alimentos contaminados , que podem afetar a saúde (FURTADO et al., 2008; VELUSAMY et al., 2010). No controle de agentes poluentes e contaminantes do meio ambiente, permitindo a medição portátil ou monitoramento contínuo, sendo assim bastante útil para medir a contaminação do meio ambiente por determinadas substâncias, principalmente, no monitoramento da presença de gases tóxicos nas proximidades de indústrias, ou mesmo ambientes suscetíveis a grandes cargas de poluição urbana (WANG et al., 2009) e contaminação por inseticidas (ALONSO et al., 2012).

Adicionalmente também estão sendo realizadas pesquisas voltadas para a área militar, na detecção de agentes tóxicos que podem der usados como armas biológicas (POHANKA et al., 2008; POHANKA et al., 2013).

2.1.2 Classificação dos Biossensores

Os biossensores podem ser classificados levando em consideração aspectos do mecanismo de detecção, tipo de transdução e também tipo de interação entre o analito e o elemento de reconhecimento (camada de reconhecimento biológico).

Primeiramente podemos classificar os biossensores quanto à natureza do elemento sensor ou de reconhecimento:

I. Biossensores baseados em sistemas vivos, cuja resposta se deve ao funcionamento de um órgão ou organismo inteiro. Podemos citar órgãos olfatórios como antenas de crustáceos e de baratas, e até o nariz humano (ZENG WU, 1999); ou organismos inteiros, como por exemplo o que acontece em resposta à contaminação de rios e mananciais, pois alguns organismos respondem em concentrações muito mais baixas do que os seres humanos podem detectar para alertar sobre a presença de metais pesados e toxinas. (KAHRU et al., 2005);

II. Biossensores baseados em células íntegras, cuja operação se deve ao funcionamento do conjunto de células ou a uma única célula dissociada (QU et al., 2013; HAHN & TOUTCHKINE, 2002);

III. Biossensores baseados em enzimas, que funcionam em resposta a ação de uma enzima sobre seu substrato. O exemplo clássico é o acoplamento de uma enzima ao eletrodo de oxigênio de Clarke (GRIESHABER et al., 2007); Como citado anteriormente, o biossensor para a glicemia é baseado na atividade da enzima glicose oxidase, que é uma proteína dimérica que catalisa a oxidação da beta-D-glicose em D-glucono-delta-1,5-lactona, que depois é hidrolisada em ácido glucurônico. Esta enzima é usada no biossensor para detecção de níveis de glicose. Isto é efetuado através do registro do número de elétrons que passam pela enzima que é conectada a um eletrodo medindo a carga resultante. Desta forma obtemos a concentração de glicose no visor do aparelho (LI & YUAN, 2006);

IV. Biossensores baseados em anticorpos, cujo funcionamento resulta da reação entre moléculas do sistema imune e antígenos. Podemos citar os ensaios imunoenzimáticos e o radioimunoensaio, são os chamados imunossensores (WANG et al., 2013; SHANKARAN et al., 2007**)**;

V. Biossensores baseados em receptores de membrana, funcionando em resposta a interação de um único receptor ou grupo de receptores com seus ligantes. Citamos

principalmente os ensaios usando a técnica de patch-clamp, em sistemas comerciais robotizados lançados no mercado (ERAY et al., 1995)

VI. Biossensores baseados em moléculas de DNA imobilizadas, chamados de Genossensores. Estes dispositivos podem monitorar processos de hibridização de sequências específicas por meio de detecção direta das bases mais eletroativas do DNA (guanina e adenina), ou pela detecção indireta da hibridização, por meio de indicadores, marcadores enzimáticos, marcadores de nanopartículas ou pelo uso de intercaladores de DNA que formam complexos com suas bases nitrogenadas, estes dispositivos podem detectar sequencias de DNA específicas de determinados agentes causadores de patologias (KERMAN et al., 2004; PRABHAKAR et al., 2008).

De acordo com o transdutor utilizado, os biossensores podem ser classificado como (PATACAS, 2007):

I. Eletroquímico: Os biossensores eletroquímicos podem ser de três tipos: amperométrico, condutimétrico ou potenciométrico (THÉVENOT et al., 2001). Os biossensores amperométricos são baseados na medida de corrente elétrica resultante de alterações de oxidação ou redução de espécies eletroativas. Os biossensores potenciométricos se baseiam na diferença de potencial entre dois eletrodos em condições de corrente elétrica constante; enquanto nos biossensores condutimétricos as mudanças são observadas nas medidas de condutância, resultante de produtos de reação catalítica (KERMAN et al., 2004; GRIESHABER et al, 2007).

II. Óptico: Biossensores ópticos baseiam-se na determinação das mudanças de absorção de radiação eletromagnética na região do visível/infravermelho entre os reagentes e produtos da reação, ou na medida da emissão de luz por um processo luminescente. Podem ser baseados na medida de luminescência, fluorescência, etc. (TELES & FONSECA, 2008).

III. Detector de massa ou Piezoelétrico: Detecta alteração de massa e/ou microviscosidade. Piezoeletricidade é a propriedade dos cristais de gerar uma tensão em resposta a uma vibração externa. Este efeito é reversível e, dessa forma, todos os cristais piezoéletricos vibram na presença de um campo elétrico. A freqüência (f) dessa vibração depende da espessura e do corte do cristal, sendo que cada cristal possui uma freqüência de vibração característica. Essa freqüência característica muda quando o cristal adsorve ou desorve moléculas em sua superfície. Como a variação de freqüência é proporcional à

variação de massa do material adsorvido, tal variação pode ser determinada por circuitos eletrônicos através da medida de impedância (SANG-MOK et al., 2000).

IV. Termométrico: Baseia-se na propriedade fundamental das reações químicas, ou seja, absorção ou emissão de calor. A quantidade de calor liberado ou absorvido durante a reação é proporcional ao número total de moléculas do produto formado na reação (RAMANATHAN et al., 2001).

A depender do tipo de interação que ocorre entre a substância a ser detectada (analito) e o material biológico, o biossensor pode ser classificado como catalítico ou por afinidade (RICCARDI et al, 2002; FURTADO et al., 2008). No catalítico há perda de material, ou transformação do analito inicial em um produto. No biossensor por afinidade temos interações físicas entre o analito e o elemento sensor, mas o analito permanece com suas características iniciais.

O biossensor abordado neste trabalho é baseado no poro unitário formado pela α-hemolisina de *Staphylococcus aureus* inserido em uma bicamada lipídica plana, sendo este dispositivo uma nova classe de sensores, denominados estocásticos (BAYLEY & CREMER, 2001; MOVILEANU, 2009; RODRIGUES, 2006).

2.2.NANOPORO DE α-HEMOLISINA COMO BIOSSENSOR ESTOCÁSTICO

A α-hemolisina, secretada pela bactéria *Staphylococcus aureus*, é uma citolisina dotada da capacidade de formar poros aquosos tanto em membranas biológicas quanto em bicamadas lipídicas artificiais (KRASILNIKOV et al, 2000). A proteína possui peso molecular em torno de 33,2 kDa e, em solução aquosa, encontra-se na forma de monômeros polipeptídicos de 293 aminoácidos (GRAY & KEHOE, 1984), os quais oligomerizam-se e se inserem na membrana, formando um poro heptamérico transmembranar que permite a passagem de água e íons e a interação de diversas moléculas com o seu interior (GU et al, 1999; KRASILNIKOV et al, 2000; NOSKOV et al, 2004).

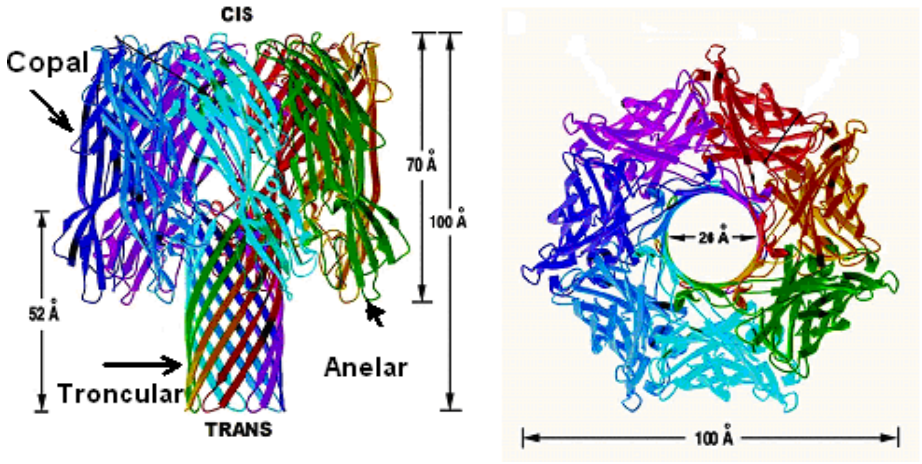
A estrutura do heptâmero detergente-solubilizado foi determinada por cristalografia de raio-X em 1,9Å de resolução. A estrutura cristalográfica foi depositada no *Protein Data Bank* (RCBS-PDB) como 7AHL (SONG et al.,1996). Com a forma semelhante à de um cogumelo, o poro heptamérico é caracterizado por apresentar três domínios: copal, anelar e troncular. O nanoporo mede aproximadamente 10 nm de altura e 10 nm de diâmetro externo. O eixo central chamado de lúmen, por onde há a passagem de água e solutos, possui uma constrição com diâmetro aproximado de 1,2 nm, esta constrição localiza-se na região entre o tronco e a estrutura copal, mais especificamente na posição 147, onde há um aminoácido lisina (GOUAUX, 1998). O restante do poro interno varia seu diâmetro de 1,4 a 4,6 nm, sendo que no domínio troncular o diâmetro é de ~2,6 nm, este é composto por 14 folhas β-barril antiparalelas e corresponde à parte que efetivamente está inserida na membrana celular. O domínio copal, com diâmetro de 4,6 nm, projeta-se na superfície extracelular e forma uma larga extensão hidrofílica (SONG et al.,1996). O domínio anelar encontra-se na parte inferior do copal e, provavelmente, interage com a superfície da membrana. Estas características do nanoporo permitem o seu uso como principal elemento de reconhecimento na construção de um biossensor para a detecção de diversas substâncias em meio aquoso (BAYLEY & CREMER, 2001; NOSKOV et al, 2004). A estrutura do nanoporo com detalhes de suas dimensões estão mostrados na **Figura 2**.

O nanoporo proteico é útil na criação de sensores multianalitos com inúmeras aplicações. Estudos mostram que os nanoporos unitários de α-hemolisina podem ser usados para detectar e quantificar íons (mono- e divalentes) (KASIANOWICZ et al., 1999), moléculas orgânicas pequenas (BEZRUKOV et al., 2004; KANG et al., 2006), proteínas e peptídeos (WOLFE et al., 2007; ZHAO et al., 2009), moléculas poliméricas (KRASILNIKOV et al., 2006; RODRIGUES et al., 2008, RODRIGUES et al., 2011), ácidos nucleicos

(CLARKE et al., 2009; AKSIMENTIEV, 2010; TIMP et al., 2010; WANUNU, 2012), e compostos nocivos (WU & BAYLEY, 2008; LIU et al., 2010).

O princípio do sensor estocástico baseia-se na detecção feita pelo nanoporo unitário para identificar e quantificar diversas moléculas em solução aquosa (MARTIN & SIWY, 2007; MOVILEANU, 2008). As moléculas do analito se aproximam do nanoporo por difusão e interagem temporariamente com o interior do nanoporo. O resultado de cada interação se reflete na mudança transitória (evento) da corrente iônica que passa através do nanoporo **(Figura 3)**. A distribuição desses eventos na escala do tempo é aleatória, permitindo a aplicação da terminologia, detecção estocástica ou sensor estocástico (MOVILEANU, 2009).

Figura 2. Modelo do nanoporo formado pela α-hemolisina com especificações de suas dimensões e domínios (anelar, copal e troncular), com visão lateral e frontal da região troncular. De um modo geral, a região troncular fica inserida na membrana, a região copal prolonga-se para a superfície formando um canal hidrofílico e a região anelar recobre a parte inferior da região copal podendo ter alguma interação com a membrana. À direita, temos uma visão a partir do lado TRANS, onde se mostra a medida do diâmetro aproximado do poro na região troncular (~26 Å). Adaptado de SONG et al., 1996.



O biossensor estocástico é normalmente construído pela incorporação de um único nanoporo em uma bicamada lipídica que separa dois compartimentos contendo soluções aquosas **(Figura 4)**. O nanoporo é a única via de condução elétrica entre os dois compartimentos. Um potencial elétrico aplicado entre os dois compartimentos, ou seja, transmembrana, faz com que os íons gerem uma corrente iônica que flui pelo nanoporo. (AKSIMENTIEV, 2010; CHEN & CONLISK, 2010). Quando um analito de dimensões compatíveis com a do nanoporo; adicionado a um dos compartimentos entra e/ou permeia o nanoporo, gera uma mudança (evento) na corrente iônica. A frequência de ocorrência dos eventos está diretamente relacionada com a concentração, enquanto que a "assinatura digital de corrente", ou seja, a série temporal dos eventos (tempo característico de duração e a profundidade de bloqueio) permitem a identificação do analito (Figura 3).

Figura 3. Na ausência de qualquer molécula, a corrente iônica que passa pelo canal é máxima e estável, quando há um potencial aplicado. Por difusão, a molécula chega ao interior do canal e interage com o poro modulando a sua corrente de maneira característica dependendo das propriedades da molécula. Estas características são dadas pelo tempo de permanência e profundidade de bloqueio. As setas azuis indicam o sentido de movimentação do analito.

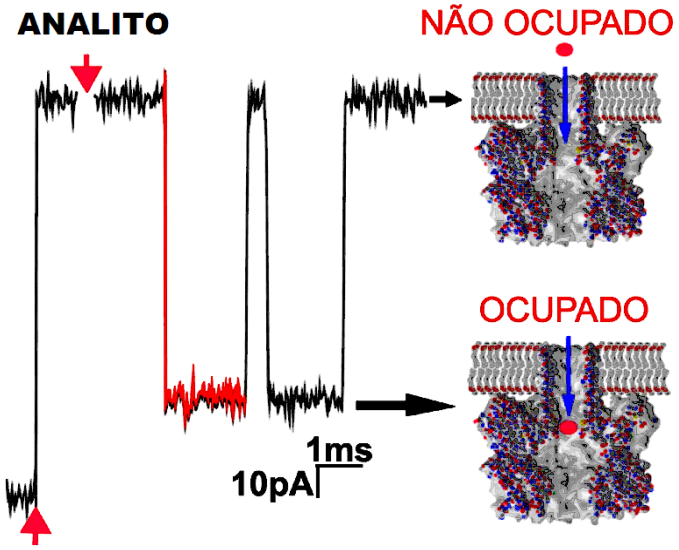
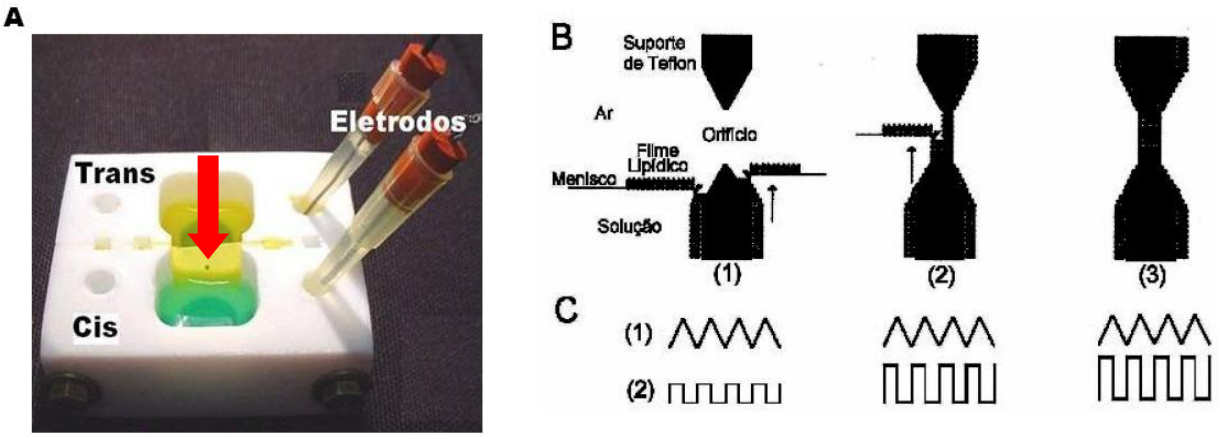


Figura 4. Montagem experimental para a gravação de nanoporo unitário em bicamada lipídica plana. (A) Câmara de Teflon® formando dois compartimentos (CIS e TRANS) onde são adicionadas as soluções iônicas e é formado o filme lipídico. A seta vermelha mostra o orifício no filme também de Teflon® onde é formada a bicamada lipídica. Os eletrodos de Ag/AgCl (prata/cloreto de prata) estão ligados ao aparato eletrônico que decodifica o sinal de corrente. (B) Formação da bicamada lipídica pela técnica de Montal e Mueller (MONTAL & MUELLER, 1972). (C) Corrente capacitiva visualizada no osciloscópio quanto à formação da bicamada lipídica. (1) é a onda triangular aplicada à membrana e (2) é a onda quadrada de resposta. Notar que quadrada aumenta de amplitude à medida que a membrana vai sendo construída (aumento da resposta capacitiva).



2.3. O NANOPORO PROTEICO COMO SEQUENCIADOR DE ÁCIDO DESOXIRRIBONUCLÉICO (DNA)

O início do desenvolvimento dos sequenciadores de DNA, sem dúvida se deu com Frederick Sanger, ganhador do prêmio Nobel de Química em 1980 , que desenvolveu métodos para a utilização in vitro da síntese de DNA na presença de dideoxiribonucleotídeos (ddN) para gerar fragmentos parciais de DNA que diferem por simples bases nucleotídicas, permitindo a determinação da sequência do polímero inteiro (SANGER et al., 1977). O método de sequenciamento de Sanger foi submetido a uma notável evolução ao longo de toda a "era genômica", principalmente pela enorme importância da decodificação das sequências de nucleotídeos. Foram implementadas modificações nas técnicas de sequenciamento a fim de se obter um tipo de sequenciador de alto rendimento e precisão, diminuindo o tempo e erros gerados durante os sequenciamentos.

No início dos anos 90, deu-se início à verdadeira "era genômica", com relatos iniciais de colaborações para sequenciar o genoma de *E. coli* (YURA et al., 1992) e *C. elegans* (SULSTON et al., 1992). Daí iniciou-se o planejamento para um o lançamento de um grande empreendimento de sequenciamento, o genoma humano (COLLINS & GALAS, 1993). Estes grandes projetos de sequenciamento começaram utilizando o sequenciamento de Sanger, posteriormente utilizando modificações na técnica. Nesta época houve um grande aumento na eficiência dos sequenciamentos com novas tecnologias para leitura de sequencias, modificações nas matrizes para eletroforese, manipulação robótica de líquidos, melhora química de corantes fluorescentes e nos detectores de sinais. Estas mudanças foram desenvolvidas para atender a demanda mundial de sequenciamento de DNA, tornando-a mais efetiva.

A técnica bioquímica de Sanger é considerada "o primórdio" dos sequenciadores de DNA, e vem sendo substituída por novas tecnologias que prometem informação da sequência de maneira mais rápida e barata. A partir da necessidade de novas tecnologias para a otimização do sequenciamento, foram criadas novas técnicas que são chamadas de sequenciamento de "segunda geração". Novas alternativas de sequenciamento de DNA podem ser agrupadas em categorias (SHENDURE & JI, 2008):

I. Métodos microeletroforéticos: Houve progresso significativo para desenvolver métodos que permitam que os sequenciamentos eletroforéticos convencionais sejam realizados em um micro dispositivo. As principais vantagens dessa abordagem incluem o processamento mais rápido e uma redução substancial no consumo de reagentes. Para criar

este dispositivo ideal seria necessário integrar todos os aspectos do processamento da amostra, por exemplo com o transporte microfluídico dos reagentes entre as etapas; a amplificação por PCR clonal na escala de nanolitros a partir de uma única célula ou uma molécula modelo única; purificação; ciclo de reação de sequenciamento; isolamento e concentração de fragmentos de extensão; e injeção em um microcanal de separação eletroforética (PAEGEL et al., 2003; HONG & QUAKE, 2003);

II. Sequenciamento por hibridização: O princípio básico deste método de sequenciamento consiste em fragmentos do ácido nucléico marcados hibridizados diferencialmente em uma matriz de sondas de oligonucleotídeos, que podem ser usados para identificar com precisão as posições variantes dos nucleotídeos. Normalmente, os oligonucleotídeos presos à matriz são concebidos como uma representação da sequencia de referência correspondente ao genoma de interesse. Esta técnica encontra como competidor direto a técnica de microarranjo ("*microarray*"), que possui os mesmos princípios da hibridização, porém são usados mais frequentemente para o ressenquenciamento do genoma de interesse em menor escala. As duas técnicas começaram a competir pelas mesmas aplicações, como por exemplo, ressequenciamento, análise da expressão, análise de variações estruturais, ligação de DNA a proteínas. Em termos de sequenciamento o microarranjo possui limitações: (i) sequencias que são repetitivas ou sujeitas a hibridização cruzada não podem ser facilmente encontradas, (ii) não se sabe como sequenciamento *de novo* pode ser alcançado com estratégias baseadas em hibridização, e (iii) sem a análise cuidadosa dos dados, os falsos positivos representam um problema importante, e não está claro como obter o equivalente à cobertura redundante que é possível com o sequenciamento convencional de matriz-cíclica. O sequenciamento por hibridação teve seu maior impacto, provavelmente, no contexto dos estudos de associação do genoma, que dependem de genotipagem por hibridização de um grande conjunto definido de coordenadas genômicas adjacentes (PIHLAK et al., 2008);

III. Sequenciamento por arranjo cíclico: O conceito de sequenciamento por arranjo cíclico pode ser resumido como o sequenciamento de um arranjo denso de DNA, caracterizado por ciclos repetitivos de manipulação enzimática e coleta de dados baseados em imagens. Embora essas plataformas sejam bastante diversificadas do sequenciamento bioquímico de Sanger, tanto na forma como no arranjo que é gerado, seus fluxos de trabalho são conceitualmente semelhantes. Neste método, adaptadores comuns são ligados ao DNA genômico fragmentado, o que é então submetido a um dos vários protocolos que resulta em um arranjo de milhões de colônias de PCR espacialmente imobilizadas em uma matriz. Cada colônia consiste em muitas cópias de um único fragmento alvo. Como todas as colônias estão amarradas a uma matriz planar, um volume único de reagente na escala de microlitro pode ser

aplicado para manipular todos os recursos da matriz. Da mesma forma, a detecção de imagens baseada em etiquetas fluorescentes incorporadas a cada extensão pode ser utilizada para adquirir dados de sequenciamento. Sucessivas iterações enzimáticas e de imagem são usadas para construir uma sequência contínua de leitura para cada característica do arranjo (ROTHBERG & LEAMON, 2008);

IV. Sequenciamento em tempo real de fita simples: Vários grupos acadêmicos e empresas estão trabalhando em tecnologias de sequenciamento de DNA ultra-rápidos, que são substancialmente diferentes da atual safra de plataformas disponíveis da "segunda geração" (DEAMER & AKESON, 2000). Uma abordagem envolve o acompanhamento em tempo real da atividade da enzima DNA polimerase. A incorporação de nucleotídeos pode ser detectada através de FRET (fluorescência de transferência de energia de ressonância) que ocorre devido a interações entre uma polimerase ligada a um fluoróforo e nucleotídeos marcados com marcação fluorescente, de tal forma que a incorporação de nucleotídeos pode ser monitorada (COCKROFT et al., 2008).

Outra abordagem é o sequenciamento baseado em nanoporo, no qual os ácidos nucleicos são conduzidos através de um único nanoporo, formado pela incorporação de uma proteína (tal como a α-hemolisina) em uma matriz lipídica, ou um poro sintético contruído em suporte não biológico. Flutuações da condutância de DNA através do poro, ou, eventualmente, a detecção de interações de bases individuais com o poro, são usados para detectar a sequência de nucleotídeos. Apesar dos progressos alcançados na realização do método, os principais desafios técnicos permanecem no caminho para uma plataforma de sequenciamento verdadeiramente prático (MELLER et al., 2000).

Neste trabalho abordamos o aperfeiçoamento do nanoporo para o sequenciamento de segunda geração em tempo real de fita simples, chamado também de sequenciamento "ultra-rápido", ou seja, maior rapidez de análise e a princípio ausência de marcação e amplificação do material a ser sequenciado (DEAMER, 2010; MAGLIA et al., 2010). Este sequenciamento é realizado usando uma tecnologia baseada em nanoporo, que pode ser de origem proteica ou sintética, chamados nanoporos de estado sólido (LU & YU, 2012).

A primeira estrutura de nanoporo proteico usado para o sequenciamento de DNA foi a α-hemolisina e continua até hoje sendo a mais indicada para esta tarefa. O que a faz ter tanta aplicabilidade é sua fácil obtenção e modificação, e o conhecimento de sua cinética e interação com bicamadas lipídicas de diferentes tipos (KASIANOWICZ et al., 1996; VALEVA et al., 1997). Menos de dez anos depois do primeiro ensaio com a α-hemolisina, foram realizados experimentos usando uma proteína também proveniente de bactérias, a

porina A da *Mycobacterium smegmatis* (MspA) (FALLER et al., 2004). Esta proteína, semelhante à α-hemolisina (Figura 5), forma poros em membrana e possui a capacidade de detecção do DNA, sendo de grande importância na detecção de sequencias curtas (MANRAO et al., 2012). Além destas proteínas, a proteína G (OmpG), quando modificada por mutação, possui potencial para ser usada como nanoporo para detecção do nucleotídeo adenosina difosfato (ADP) (CHEN et al., 2008).

Além de nanoporos biológicos, são utilizados também os nanoporos de estado sólido os quais são baseados em materiais sintéticos que são de grande aplicabilidade na pesquisa. Os mais utilizados são os nanoporos de grafeno (**Figura 5**) (GARAJ et al., 2010) e os de materiais cerâmicos (ANANDAN & OKAZAKI, 2005)

Na metodologia de sequenciamento por nanoporo, uma única fita simples de DNA é translocada eletroforeticamente através do lúmen de um único nanoporo da α-hemolisina banhada por solução aquosa iônica. As bases são discriminadas por induzirem padrões característicos na série temporal da corrente iônica durante a passagem. Essa tecnologia do nanoporo possibilitará medidas da estrutura dos ácidos nucleicos, com uma precisão em escala nanométrica. A técnica promete ser rápida, sem reagentes ou marcadores químicos e de menor custo, se comparada aos métodos convencionais. Vários grupos de pesquisa vêm em tentativas de obter êxito nesta área, porém ainda há necessidade de vários aperfeiçoamentos na técnica (WANUNU & MELLER, 2007; WANUNU et al., 2008; DEAMER, 2010; DERRINGTON et al., 2010; MAGLIA et al., 2010; STODDART ET AL., 2010b; ZHAO, 2010).

Dentre os vários problemas apresentados na técnica, há um problema fundamental: O insuficiente nível de reconhecimento das bases durante a passagem da molécula do DNA via nanoporo. Isto se deve à altíssima velocidade de translocação da molécula de DNA através do poro (≤10μs por base). Este valor está no limite atingível experimentalmente e insuficiente para detectar individualmente, um nucleotídeo. A velocidade desejável para o sequenciamento com o nanoporo é 1ms por base, quando será possível deduzir a sequência de nucleotídeos com precisão, analisando a corrente residual (**Figura 6**). O problema pode ser abordado de várias maneiras, como por exemplo, engenharia molecular e a melhoria do design experimental (MUTHUKUMAR, 2007).

Figura 5. Comparação das dimensões e estruturas dos diferentes nanoporos. A primeira imagem mostra a estrutura do nanoporo da α-hemolisina incorporado a uma membrana lipídica. A segunda, a estrutura de uma nanoporo de MspA (porina A da *Mycobacterium smegmatis*) incorporado a uma membrana lipídica. A terceira é a estrutura de um nanoporo de grafeno. Adaptado de SCHNEIDER & DEKKER, 2012.

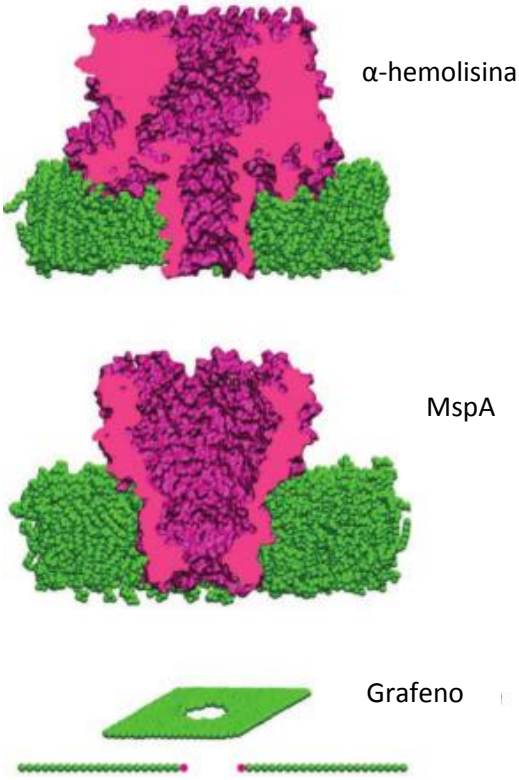
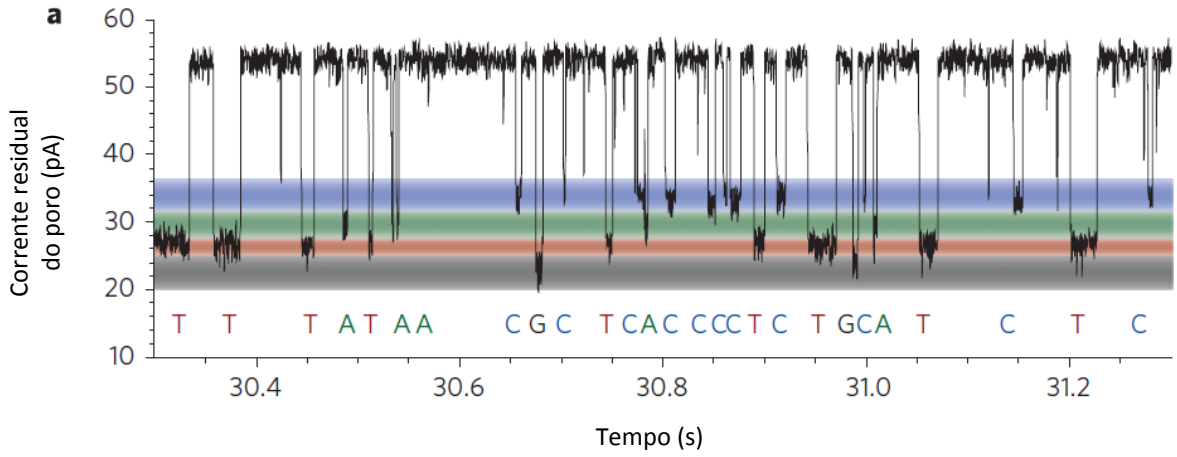


Figura 6. Representação do sequenciamento com o nanoporo da α-hemolisina mostrando as diferenças que existem nos eventos de bloqueio de corrente para cada base do DNA (T, A, G e C). Adaptado de CLARKE et al., 2009.



Uma das estratégias para diminuição da velocidade de translocação dos ácidos nucleicos é o emprego de substâncias que alteram o grau de estruturação da água e que, portanto, potencialmente podem modificar alguns parâmetros, tais como, viscosidade do meio e energia de interação do DNA com o nanoporo (RODRIGUES et al, 2011; KOWALCZYK et al., 2012). Outra manobra a ser usada, são as alterações na estrutura proteica do nanoporo, realizando a diminuição do diâmetro do poro ou adição de cargas, onde se pretende "frear" a passagem do ácido nucléico, para obter melhor resolução (CLARKE et al., 2009; RINCON-RESTREPO et al, 2011;WEN-WU et al, 2011).

2.4. NANOPOROS ADAPTADOS

Apesar de todos os avanços com os nanoporos como detectores de diversos tipos de analitos e sequenciadores de ácidos nucleicos, temos a limitação da translocação através do nanoporo ser muito rápida para moléculas que possuem carga elétrica elevada. Vários trabalhos passaram a ser desenvolvidos realizando alterações na técnica, a fim de encontrar melhores condições experimentais para o aperfeiçoamento do processo de detecção.

Para melhorar a detecção, não apenas dos ácidos nucleicos e nucleotídeos, as mudanças realizadas nos parâmetros experimentais vão de alterações na composição da solução banhante: troca de íons (RODRIGUES et al., 2011); concentração dos íons (RODRIGUES et al., 2008); alteração do pH (JEON & MUTHURKUMAR, 2013). Estas alterações na solução banhante podem ser aliadas às mudanças na composição das membranas (POULOS et al., 2009), mutações e funcionalizações do elemento sensor (ASTIER et al., 2006; GUAN et al., 2005; KANG et al., 2006).

As modificações na estrutura do elemento sensor podem ser realizadas geneticamente ou quimicamente (KRASILNIKOV et al., 2000; MERZLYAK et al., 2005; CLARKE et al., 2009; BANERJEE et al., 2010). A α-hemolisina é uma proteína de fácil adaptação e funcionalização, por ter a sua estrutura cristalográfica bem elucidada (SONG et al., 1996) e a cinética de inserção em membranas bem descrita (VALEVA et al., 1997; RODRIGUES, 2006).

Os nanoporos protéicos mutantes podem ser produzidos utilizando a técnica de mutagênese sítio-dirigida. Na mutagênese sítio-dirigida um aminoácido ou um grupo de aminoácidos que compõe a estrutura protéica do nanoporo pode ser substituído por outros aminoácidos gerando uma variedade de cadeias laterais de diferentes tamanhos, formas,

polaridade e reatividade (STODDART et al., 2010a; STODDART et al., 2010b). Também podem ser realizadas mutagênese introduzindo aminoácidos não naturais, com a finalidade de sintetizar cadeias laterais que não ocorrem na natureza.

Os nanoporos também podem ser modificados quimicamente. Nesta modificação um aminoácido da cadeia lateral, geralmente cisteína, é seletivamente modificado com um reagente químico permitindo a incorporação de uma diversidade de grupos funcionais que podem ser incorporadas dentro do nanoporo. E, esta técnica, chamada de *cisteine scanning*, é realizada com a utilização de reagentes a base de metanoetil sulfonato (MTS) (MERZLYAK et al., 2005). As α-hemolisinas projetadas ("engenheiradas") têm sido estudadas com a finalidade de tornar mais específica a detecção do analito pelo biossensor. O uso desses nanoporos protéicos "engenheirados" abrange potenciais aplicações desde a detecção ultrassensível de moléculas unitárias até o sequenciamento de DNA (SHIM & GU, 2007; MOVILEANU, 2009; STODDART et al., 2010a). Além disso, há estudos para modular a seletividade e a sensibilidade do poro, com o uso de adaptadores moleculares introduzidos no interior do nanoporo formado pela α-hemolisina (**Figura 7**), tornando ainda mais estreita a sua constrição, e desse modo, favorecendo uma seletividade específica com intuito de facilitar a identificação e a quantificação do analito (BANERJEE et al., 2010). Esta adaptação pode ser realizada tanto de forma não-covalente (ASTIER et al., 2006), como covalente (WU et al., 2007; CLARKE et al., 2009; MARTIN et al., 2009).

Considerando as dificuldades apresentadas para a melhoria do sequenciamento com nanoporo, o processo de transporte de ácidos nucleicos através de um nanoporo tem atraído a atenção de muitos químicos teóricos (AKSIMENTIEV, 2010), que trouxeram para o campo diversas experiências das áreas da física. Por conseguinte, o espectro de métodos usados para modelar este processo é amplo, dependendo do tipo de sistema e nanoporo usado. Na próxima seção, um dos métodos mais populares da química computacional para a análise de transporte em sistemas de nanoporos, é brevemente descrito.

Figura 7. Exemplo de nanoporo mutante (pontos em vermelho indicam os locais de mutação) para favorecer a colocação de um adaptador molecular, neste caso uma β-ciclodextrina modificada foi acoplada covalentemente no interior do poro protéico (molécula em verde). Adaptado de CLARKE et al., 2009.

2.5. QUÍMICA COMPUTACIONAL DE BIOMOLÉCULAS

A computação baseada em modelos moleculares é uma importante ferramenta nas áreas biológicas em geral, incluindo a bioquímica e a biofísica. Como as medidas de um número limitado de propriedades de um sistema biomolecular são acessíveis através da parte experimental, as simulações computacionais podem complementar, trazendo não apenas médias, mas também distribuições e séries temporais, definindo quantidades. Por exemplo, podemos obter resultados de distribuições conformacionais e interações entre partes de um sistema biológico (VAN GUNSTEREN et al., 2006).

Simulações de dinâmica molecular capturam o comportamento de macromoléculas biológicas detalhadamente a nível atômico. Através destas ferramentas podemos e calcular vários parâmetros envolvidos nos principais processos bioquímicos, como o enovelamento de proteínas, ligação de drogas a receptores, transporte através de membranas e as mudanças conformacionais importantes para a função proteica. Tais simulações podem servir como um "microscópio computacional", revelando mecanismos biomoleculares em escalas espaciais e temporais que são difíceis de observar experimentalmente (DROR et al., 2012).

No nosso sistema, através das técnicas de gravação de canal unitário, podemos obter diversas informações quanto à interação do analito com o nanoporo e o sistema. Ainda assim, há informações a níveis microscópicos que são não podem ser precisamente inferidas com estas técnicas. Experimentos que investigam a translocação de ácidos nucleicos sob a influência de um potencial transmembrana sugerem que o processo demora tipicamente de centenas de microssegundos a dezenas de milissegundos (AKESON et al., 1999). Para

entender os processos inerentes à cinética e termodinâmica da translocação de uma fita de ácido nucleico através do nanoporo de α-hemolisina e melhorar a técnica de gravação de canal unitário, podemos usar simulações de dinâmica molecular do processo de translocação obtendo informações cinéticas e estruturais difíceis de serem obtidas apenas através dos experimentos.

As simulações de sistemas fora do equilíbrio permitem que se reduza a escala de tempo na qual os fenômenos físicos acontecem, podendo ser investigados com resolução atomística. Vários tipos de simulações fora do equilíbrio podem ser concebidos para efetuar a translocação a velocidades mais elevadas, permitindo que o processo de translocação completo seja estudado. A dinâmica molecular direcionada (*"steered molecular dynamics"*) (PHILLIPS et al., 2005) é um tipo de simulação fora do equilíbrio em que se aplica uma força constante a um átomo ou grupo de átomos, ou conecta um átomo ou centro de massa de um grupo de átomos através de um potencial harmônico de restrição da posição, regulado por uma força, que é movido a uma velocidade constante. A dinâmica molecular direcionada de velocidade constante (SMD-cv) tem a vantagem de ter um prazo bem definido de simulação por uma distância de translocação dada; SMD-cv é usada para induzir a alta velocidade de translocação, como experimentalmente (MARTIN et al., 2009), e assim podemos analisar um sistema o mais próximo do real.

O cálculo da energia livre é um dos mais importantes aspectos no campo da biologia computacional, pois serve como uma ponte crítica entre os dados teóricos e os experimentais. Com a energia livre proveniente dos experimentos podemos avaliar a confiança do modelo teórico e aperfeiçoar a precisão do modelo. Por outro lado, a energia livre computada no modelo teórico se torna uma ferramenta complementar às informações obtidas experimentalmente (BOND et al., 2011). O perfil de energia livre, pode ser considerado como uma referência em muitos processos reais de transição ou reação, tais como o dobramento de proteínas (FINKELSTEIN & GALZITSKAYA et al., 2004); o transporte de íons (PICCININI et al., 2007); afinidade relativa de ligação proteína-ligante (SUEVER et al., 2008); e afinidade relativa de medicamentos em potencial (BÖHM, 1998).

Nós exploramos as simulações de dinâmica molecular para ter uma visão microscópica da translocação do ácido nucleico através do poro proteico a partir do cálculo de seus perfis de energia livre. É desejável que se obtenha o perfil energia livre do processo de translocação devido ao seu papel central na determinação das propriedades termodinâmicas do sistema, e que também pode ser usada para determinar as propriedades cinéticas. A energia

livre é uma propriedade de equilíbrio; a fim de calcular a energia livre a partir de um processo fora do equilíbrio, tal como SMD-cv, pode-se usar a igualdade de Jarzynski (JE) (JARZYNSKI, 1997). Ao obter e analisar os perfis de energia livre do processo de translocação são reveladas informações sobre as barreiras de energia que uma molécula de nucleotídeo tem experimentalmente e, consequentemente, o que geram essas barreiras.

A igualdade de Jarzynski (JE) é uma técnica que foi descrita inicialmente por Jarzynski em 1997, é usada para extrair as energias livres a partir de processos fora do equilíbrio. A JE iguala a mudança da energia livre, que ocorre no equilíbrio, à média do conjunto dos trabalhos realizados em repetições do mesmo processo, como descrito na equação 1:

$$e^{-\beta \Delta F} = \langle e^{-\beta W} \rangle \quad (1)$$

Onde β é o inverso da temperatura multiplicado pela constante de Boltzmann ($1/k_B T$); os parênteses angulares representam a média termodinâmica; ΔF é a variação de energia livre; e W é o trabalho em cada realização do processo. Sendo assim a igualdade de Jarzynski representa a igualdade entre a energia livre em equilíbrio e a média do trabalho realizado em um processo fora do equilíbrio.

Neste trabalho empregamos química computacional por meio das técnicas de Dinâmica Molecular, como uma ferramenta para avaliação da modificação estrutural do nanoporo de α-hemolisina, análise do perfil de energia livre resultantes de sua interação com ácidos nucléicos, visando à predição de qual nanoporo adaptado seria teoricamente o mais apto para funcionar como sequenciador de DNA.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOU-GHARBIA, M., PEREZ-LEA, O., CHILDERS, W. E., & MERALI, S. Biosensor to identify novel compounds with anti-prostate cancer activity. **Qatar Foundation Annual Research Forum Proceedings**, 2012.

AKESON, M., BRANTON, D., KASIANOWICZ, J. J., BRANDIN, E., & DEAMER, D. W. Microsecond time-scale discrimination among polycytidylic acid, polyadenylic acid, and polyuridylic acid as homopolymers or as segments within single RNA molecules. **Biophysical journal**, v. 77, p. 3227–33, 1999.

AKSIMENTIEV, A. Deciphering ionic current signatures of DNA transport though a nanopore. **Nanoscale**, v. 2, p. 468-483, 2010.

ALONSO, G. A., ISTAMBOULIE, G., NOGUER, T., MARTY, J.-L., & MUÑOZ, R. Rapid determination of pesticide mixtures using disposable biosensors based on genetically modified enzymes and artificial neural networks. **Sensors and Actuators B: Chemical**, v. 164, p. 22–28, 2012.

ANANDAN, S., & OKAZAKI, M. Dynamics, flow motion and nanopore effect of molecules present in the MCM-41 nanopores—An overview. **Microporous and Mesoporous Materials**, v. 87, p. 77–92, 2005.

ASTIER, Y., BRAHA, O.; BAYLEY, H. Toward single molecule DNA sequencing: direct identification of ribonucleoside and deoxyribonucleoside 5'-monophosphates by using an engineered protein nanopore equipped with a molecular adapter. **J. Am. Chem Soc**. v. 128, p. 1705-1710, 2006.

BANERJEE, A.; MIKHAYLOVA, E.; CHELEY, S.; GU, L.Q.; MONTOYA, M.; NAGAOKA, Y.; GOUAOUX, E.; BAYLEY, H. Molecular bases of cyclodextrin adapter interactions with engineered protein nanopores. **Proc. Natl. Acad. Sci. USA.**, v. 107, p. 8165-8170, 2010.

BAYLEY, H. & CREMER, P. S. Stochastic sensors inspired by biology.**Nature**.v.413, p. 226-230, 2001.

BEZRUKOV, S. M., KRASILNIKOV, O. V., YULDASHEVA, L. N., BEREZHKOVSKII, A. M., RODRIGUES, C. G. Field-dependent effect of crown ether (18-crown-6) on ionic conductance of alpha-hemolysin channels. **Biophysical Journal**, v. 87, p. 3162-3171, 2004.

BOND, P. J., GUY, A. T., HERON, A. J., BAYLEY, H., & KHALID, S. Molecular Dynamics Simulations of DNA within a Nanopore : Arginine-Phosphate Tethering and a Binding / Sliding, **Biochemistry**, v. 50, p. 3777–3783, 2011.

BONETTA, L. Whole-Genome Sequencing Breaks the Cost Barrier. **Cell**. v. 141, p. 917-919, 2010.

CHEN, L. & CONLISK, A. T. DNA nanowire translocation phenomena in nanopores. **Biomedical Microdevices.** v. 12, p. 235-245, 2010.

CHEN, M., KHALID, S., SANSOM, M. S. P. , BAYLEY, H. OmpG: Engineering a quiet pore for biosensing. **Proc Natl Acad Sci USA.** v. 105, p. 6272–6277, 2008.

CLARKE, J.; WU, HAI-CHE; JAYASINGHE, L.; PATEL, A.; REID, S.; BAYLEY, H. Continuous base identification for single-molecule nanopore DNA sequencing. **Nature Nanotechnology**, v.4, p. 265-270, 2009.

CLOAREC, J. P.; CHEVOLOT, Y.; LAURENCEAU, E.; PHANER-GOUTORBE, M.; SOUTEYRAND, E. A multidisciplinary approach for molecular diagnostics based on biosensors and microarrays. **ITBM-RBM.**v.29, p.105–127, 2008.

COCKROFT, S. L., CHU, J., AMORIN, M.; GHADIRI, M. R. A single-molecule nanopore device detects DNA polymerase activity with single-nucleotide resolution. **J. Am. Chem. Soc.** v. 130, p. 818–820, 2008.

COLLINS, F. & GALAS, D. A new five-year plan for the U.S. Human Genome Project. **Science** v. 262, p. 43–46, 1993.

D'ORAZIO, P. Biosensors in clinical chemistry - 2011 update. **Clinica chimica acta; international journal of clinical chemistry,** v. 412, p. 1749–61, 2011.

DEAMER, D. Nanopore Analysis of Nucleic Acids Bound to Exonucleases and Polymerases. **Annual Review of Biophysics**. v. 39, p.79-90, 2010

DEAMER, D.W. & AKESON, M. Nanopores and nucleic acids: prospects for ultra-rapid sequencing. **Trends Biotechnol**. v.18, p. 147–151, 2000.

DERRINGTON, I. M.; BUTLER, T. Z.; COLLINS, M. D.; MANRAO, E.; PAVLENOK, M.; NIEDERWEIS, M.; GUNDLACH, J. H. Nanopore DNA sequencing with MspA. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America.** v. 107, p. 16060-16065, 2010

DROR, R. O.; DIRKS, R. M.; GROSSMAN, J. P.; XU, H.; SHAW, D. E. Biomolecular Simulation: A Computational Microscope for Molecular Biology. **Annu. Rev. Biophys.**v. 41, p. 429-452, 2012.

ERAY, M., DOGAN, N. S., REIKEN, S. R., SUTISNA, H., VAN WIE, B. J., KOCH, A. R., MOFFET, D. F., SILBER, M., DAVIS, W. C.. A highly stable and selective biosensor using modified nicotinic acetyl- choline receptor (n-AChR). **BioSystems**, v. 35, p. 183- 188, 1995.

FALLER, M.; NIEDERWEIS, M., SCHULZ, G. E. The structure of a mycobacterial outer-membrane channel. **Science.** v. 303, p. 1189–1192, 2004.

FERNANDES, E. G. R. Biossensores Nanoestruturados para Monitoração de Glicose. **Dissertação de Mestrado** - Universidade Federal de Itajubá. Departamento de Física e Química / Instituto de Ciências Exatas, 2005.

FINKELSTEIN, A. V., & GALZITSKAYA, O. V. Physics of protein folding. **Physics of Life Reviews**, v. 1, p. 23–56, 2004.

FURTADO, R. F.; DUTRA, R. A. F.; ALVES, R. C.; PIMENTA, M. G. R.; GUEDES, M. I. F. **Aplicações de Biossensores na Análise da Qualidade de Alimentos.** Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. ISSN 1677-1915, Fortaleza, 2008.

GARAJ, S., HUBBARD, W., REINA, A, KONG, J., BRANTON, D., GOLOVCHENKO, J. A. Graphene as a subnanometre trans-electrode membrane. **Nature**, v. 467, p. 190–3, 2010.

GOUAUX, E. α-Hemolysin from *Staphylococcus aureus*: An Archetype of β-Barrel, Channel-Forming Toxins. **Journal of Structural Biology**. v. 121, p. 110-122. 1998.

GRAY, G. S. & HEHOC, M. Primary sequence of the alpha-toxin gene from Staphylococcus aureus Wood. **Infection and Immunity**. v. 46:p. 615-618, 1984.

GRIESHABER, D.; REIMHULT, E.; VOROS, J. Enzymatic Biosensors towards a Multiplexed Electronic Detection System for Early Cancer Diagnostics; **Nano/Micro Engeneered and Molecular Systems.2nd IEEE International Conference.**p. 402-405, 2007.

GU, L. Q.; BRAHA, O.; CONLAN, S.; CHELEY, S.; BAYLEY, H. Stochastic sensing of organic analytes by a pore-forming protein containing a molecular adapter, **Nature**. v. 398, p. 686-690, 1999.

GUAN, X., GU, L.-Q., CHELEY, S., BRAHA, O., BAYLEY, H. Stochastic sensing of TNT with a genetically engineered pore. **Chembiochem : a European journal of chemical biology**, v. 6, p. 1875–1881, 2005.

HAHN, K. & TOUTCHKINE, A. Live-cell fluorescent biosensors for activated signaling proteins. **Current Opinion in Cell Biology**. v. 14, p. 167-172, 2002.

HONG, J. W. & QUAKE, S. R. Integrated nanoliter systems. **Nature Biotechnology.** v. 21, p. 1179–1183, 2003.

JARZYNSKI, C. Equilibrium free-energy differences from non- equilibriummeasurements: amaster-equation approach. **Phys Rev E**, v. 56, p. 5018–5035, 1997.

JEON, B.-J., & MUTHUKUMAR, M. Experimental measurements of the rate of capture of synthetic and natural polyelectrolytes by alpha-hemolysin under salt concentration gradients. **MAR13 Meeting of The American Physical Society**, 1. Retrieved from http://meetings.aps.org/Meeting/MAR13/Event/186980, 2013.

KANG, X. F.; CHELEY, S.; GUAN, X.; BAYLEY, H. Stochastic detection of enantiomers.**J. Am. Chem. Soc.** v.128, p.10684-10685, 2006.

KASIANOWICZ, J. J.; BURDEN, D. L.; HAN, L. C.; CHELEY, S.; BAYLEY, H. Genetically engineered metal ion binding sites on the outside of a channel's transmembrane beta-barrel. **Biophysical Journal**, v. 76, p. 837-845, 1999.

KERMAN, K.; KOBAYASHI, M.; TAMIYA, E. Recent trends in electrochemical DNA biosensor technology. **Meas. Sci. Technol**. v. 15, p.1-11, 2004.

KERMAN, K.; KOBAYASHI, M.; TAMIYA, E. Recent trends in electrochemical DNA biosensor technology. **Meas. Sci. Technol**. v. 15, p.1-11, 2004.

KOWALCZYK, S. W., WELLS, D. B., AKSIMENTIEV, A., DEKKER, C. Slowing down DNA translocation through a nanopore in lithium chloride. **Nano letters**, v. 12, p. 1038-44, 2012.

KRASILNIKOV, O. V.; MERZLYAK, P. G.; YULDASHEVA, L. N.; RODRIGUES, C. G.; BHAKDI, S.; VALEVA, A. Electrophysiological evidence for heptameric stoichiometry of ion channels formed by *Staphylococcus aureus* alpha-toxin in planar lipid bilayers. **Molecular Microbiology**, v. 37, p. 1372-1378, 2000.

KRASILNIKOV, O. V.; RODRIGUES, C. G.; BEZRUKOV, S. M. Single polymer molecules in a protein nanopore in the limit of a strong polymer-pore attraction. **Physical Review Letters**, v. 97:018301, 2006.

LI, Q., & YUAN, J. Development of the Portable Blood Glucose Meter for Self-monitoring of Blood Glucose. **Conference proceedings : Annual International Conference of the IEEE Engineering in Medicine and Biology Society**. IEEE Engineering in Medicine and Biology Society. Conference, v. 7, p. 6735–6738, 2005.

LI, W.-W., CLARIDGE, T. D. W., LI, Q., WORMALD, M. R., DAVIS, B. G., & BAYLEY, H. (2011). Tuning the cavity of cyclodextrins: altered sugar adaptors in protein pores. **Journal of the American Chemical Society**, v.133, p. 1987–2001, 2011.

LIU, A.; ZHAO, Q; GUAN, X. Stochastic nanopore sensors for the detection of terrorist agents: Current status and challenges. **Analytica Chimica Acta**, v. 675, p. 106-115. 2010.

LOWE, C. R. **Overview of Biosensor and Bioarray Technologies *in* Handbook of Biosensors and Biochips.** Edited by Robert S. Marks, David C. Cullen, Isao Karube, Christopher R. Lowe and Howard H. Weet all. John Wiley & Sons, Ltda. p. 1-16, 2007.

LU, C., & YU, P. Biological and Solid-State Nanopores for DNA Sequencing, **Biochemistry & Pharmacology : Open Access.** v. 1, p. 10–11, 2012.

LUONG, J. H. T.; MALE, K. B.; GLENNON, J. D. Biosensor technology: Technology push versus market pull. **Biotechnology Advances** v. 26, p. 492–500, 2008.

MAGLIA, G.; HERON, A. J.; STODDART, D.; JAPRUNG, D.; BAYLEY, H. Analysis of Single Nucleic Acid Molecules with Protein Nanopores. **Methods in Enzymology**, v. 475: **Single Molecule Tools, Pt B**. v. 474, p. 591-623, 2010.

MANRAO, E. A, DERRINGTON, I. M., LASZLO, A. H., LANGFORD, K. W., HOPPER, M. K., GILLGREN, N., PAVLENOK, M., ET AL. Reading DNA at single-nucleotide resolution with a mutant MspA nanopore and phi29 DNA polymerase. **Nature biotechnology**, v. 30, p. 349–53, 2012.

MARTIN, C. R. & SIWY, Z. S. Chemistry.learning nature's way: biosensing with synthetic nanopores. **Science**. v. 317, p. 331–332, 2007.

MARTIN, H. S. C., JHA, S., HOWORKA, S., & COVENEY, P. V. Determination of Free Energy Profiles for the Translocation of Polynucleotides through α-Hemolysin Nanopores using Non-Equilibrium Molecular Dynamics Simulations. **Journal of Chemical Theory and Computation,** v. 5, p. 2135–2148, 2009.

MELLER, A., NIVON, L., BRANDIN, E., GOLOVCHENKO, J.; BRANTON, D. Rapid nanopore discrimination between single polynucleotide molecules. **Proc. Natl. Acad. Sci.** v. 97, p. 1079–1084, 2000.

MERZLYAK, P. G.; CAPISTRANO, M. F.; VALEVA, A.; KASIANOWICZ, J. J.; KRASILNIKOV, O. V. Conductance and ion selectivity of a mesoscopic protein nanopore probed with cysteine scanning mutagenesis. **Biophysical Journal** , v. 89, p. 3059-3070, 2005.

MONTAL, M. & MUELLER, P. Formation of Bimolecular Membranes from Lipid Monolayers and A Study of Their Electrical Properties.**Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 69, p. 3561-3566, 1972.

MOVILEANU, L. Interrogating single proteins through nanopores: challenges and opportunities. **Trends in Biotechnology**, v. 27, p. 333-341, 2009.

MOVILEANU, L. Squeezing a single polypeptide through a nanopore. **Soft Matter**. v. 4, p. 925–93, 2008.

MUTHUKUMAR, M. Mechanism of DNA Transport Through Pores. **Annu. Rev. Biophys. Biomol. Struct.** 2007.

NAYAK, M., KOTIAN, A., MARATHE, S., & CHAKRAVORTTY, D.. Detection of microorganisms using biosensors-a smarter way towards detection techniques. **Biosensors & bioelectronics**, v.25, p. 661–7, 2009.

NOSKOV, S. Y.; IM, W., ROUX, B. Ion permeation through the α-Hemolysin channel: theoretical studies based on brownian dynamics and poisson-nernst-plank electro diffusion theory. **Biophysical Journal**, v. 87, p. 2299-2309, 2004.

PAEGEL, B. M., BLAZEJ, R. G. AND MATHIES, R. A. Microfluidic devices for DNA sequencing: sample preparation and electrophoretic analysis. **Curr. Opin. Biotechnol.** v. 14, p. 42–50, 2003.

PATACAS, R. C. Desenvolvimento, Caracterização e Optimização de um biossensor amperométrico para a determinação de Nitrato baseado em microinterfaces gelificada. **Dissertação de Mestrado** - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2007.

PHILLIPS, J. C., BRAUN, R., WANG, W., GUMBART, J., TAJKHORSHID, E., VILLA, E., CHIPOT, C., et al. Scalable molecular dynamics with NAMD. **Journal of computational chemistry**, v. 26, p. 1781–802, 2005.

PICCININI, E., AFFINITO, F., BRUNETTI, R., JACOBONI, C., CECCARELLI, M. Exploring free-energy profiles through ion channels: Comparison on a test case. **Journal of Computational Electronics**, v. 6, p. 373–376, 2007.

PIHLAK, A. ET AL. Rapid genome sequencing with short universal tiling probes. **Nature Biotechnology.** v. 26, p. 676–684, 2008.

POHANKA, M.; JUN, D.; KUCA, K. Amperometric biosensors for real time assays of organophosphates, **Sensors.** v. 9, p. 5303-5312, 2008.

POULOS, J. L., NELSON, W. C., JEON, T.-J., KIM, C.-J. "CJ", SCHMIDT, J. J. Electrowetting on dielectric-based microfluidics for integrated lipid bilayer formation and measurement. **Applied Physics Letters**, v. 95, p. 013706, 2009.

PRABHAKAR, N., ARORA, K., ARYA, S. K., SOLANKI, P. R., IWAMOTO, M., SINGH, H., MALHOTRA, B. D. Nucleic acid sensor for M. tuberculosis detection based on surface plasmon resonance. **The Analyst**, v. 133, p. 1587–92, 2008.

QU, M., BORUAH, B. M., ZHANG, W., LI, Y., LIU, W., BI, Y., GAO, G. F., et al.. A Rat Basophilic Leukaemia cell sensor for the detection of pathogenic viruses. **Biosensors & bioelectronics**, v. 43, p. 412–418, 2012.

RAMANATHAN, K.; DANIELSSON, B. Principles and applications of thermal biosensors. **Biosensors & Bioelectronics**. v. 16, p. 417–423, 2001.

RICCARDI, C. S.; COSTA, P. I.; YAMANAKA,H. Amperometric immunosensor. **Quím. Nova**. v. 25, p. 316-320, 2002.

RINCON-RESTREPO, M.; MIKHAILOVA, E.; BAYLEY, H., MAGLIA, G. Controlled Translocation of Individual DNA Molecules through Protein Nanopores with Engineered Molecular Brakes. **Nano Lett**. v. 11, p. 746–750, 2011.

RODRIGUES, C. G.; MACHADO, D. C.; SILVA, A. M. B.; SILVA-JÚNIOR, J. J.; KRASILNIKOV, O. V. Hofmeister Effect in Confined Spaces: Halogen Ions and Single Molecule Detection. **Biophysical Journal.** v. 100, p. 2929–2935, 2011.

RODRIGUES, C.G. Transporte de moléculas orgânicas através de poros nanoscópicos unitários. **Tese de doutorado**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

RODRIGUES, C.G., MACHADO, D.C., CHEVTCHENKO, S.F., KRASILNIKOV, O.V. Mechanism of KCl Enhancement in Detection of Nonionic Polymers by Nanopore Sensors. **Biophysical Journal**, v.95, p. 5186-5192, 2008.

ROTHBERG, J. M. & LEAMON, J. H. The development and impact of 454 sequencing. **Nature Biotechnology**. v. 26, p. 1117-1124, 2008.

SANGER, F.; NICKLEN, S.; COULSON, A. R. DNA sequencing with chain- terminating inhibitors. **Proc. Nati. Acad. Sci.** v. 74, p. 5463-5467, 1977

SANG-MOK C.; MURAMATSU, H.; NAKAMURA, C.; MIYAKE, J..The principle and applications of piezoelectric crystal sensors. **Materials Science and Engineering**.v.12, p.111–123, 2000.

SCHNEIDER, G. F., & DEKKER, C. DNA sequencing with nanopores. **Nature biotechnology**, v. 30, p. 326–8, 2012.

SHANKARAN, D. R.; GOBI, K. V.; MIURA, N. Recent advancements in surface plasmon resonance immunosensors for detection of small molecules of biomedical, food and environmental interest. **Sensors and Actuators B: Chemical**. v. 121, p. 158-177, 2007.

SHENDURE, J.&JI, H., Next-generation DNA sequencing, **Nature Biotechnology**, v. 26, p. 1135-1145, 2008.

SHIM, J. W. & GU, L. Q. Stochastic Sensing on a Modular Chip Containing a Single-Ion Channel. **Analytical Chemistry**, v. 79, p. 2207-2213, 2007.

SONG, L.; HOBAUGH, M.R.; SHUSTAK, C.; CHELEY, S.; BAYLEY, H.; GOUAUX, J.E. Structure of staphylococcal alpha-hemolysin, a heptameric transmembrane pore. **Science**, v. 274, p. 1859-1866, 1996.

STODDART, D.; HERON, A. J.; KLINGELHOEFER, J.; MIKHAILOVA, E.; MAGLIA, G.; BAYLEY, H. Nucleobase Recognition in ssDNA at the Central Constriction of the alpha-Hemolysin Pore. **Nano Letters**. v. 10, p. 3633-3637, 2010a.

STODDART, D.; MAGLIA, G.; MIKHAILOVA, E.; HERON, A. J.; BAYLEY, H. Multiple Base-Recognition Sites in a Biological Nanopore: Two Heads are Better than One**. Angew Chem. Int. Ed.** v. 49, p. 556-559, 2010b.

SUEVER, J. D., CHEN, Y., MCDONALD, J. M., & SONG, Y. Conformation and free energy analyses of the complex of calcium-bound calmodulin and the Fas death domain. **Biophysical journal**, v. 95, p. 5913–21, 2008.

SULSTON, J., DU, Z., THOMAS, K., WILSON, R., HILLIER, L., STADEN, R., HALLORAN, N., GREEN, P., THIERRY-MIEG, J. AND QIU, L. et al. The C. elegans genome sequencing project: a beginning. **Nature**. v. 356, p. 37–41, 1992.

TELES, F.R.R. & FONSECA, L.P. Trends in DNA biosensors. **Talanta.** v. 77, p. 606–623, 2008.

THÉVENOT, D. R.; TOTH, K.; DURST, R. A. Electrochemical biosensors: recommended definitions and classification. **Biosensors and Bioelectronics**. v.16, p. 121-131, 2001.

TIMP, W.; MIRSAIDOV, U. M.; WANG, D. Q.; COMER, J.; AKSIMENTIEV, A.; TIMP, G. Nanopore Sequencing: Electrical Measurements of the Code of Life. **Ieee Transactions on Nanotechnology**. v. 9, p. 281-294, 2010.

VALEVA, A.; PONGS, J.; BHAKDI, S.; PALMER, M. Staphylococcal α-toxin: the role of the N-terminus in formation of the heptameric pore — a fluorescence study. **Biochimica et Biophysica Acta.**v. 1325, p. 281–286, 1997.

VAN GUNSTEREN, W. F.; BAKOWIES, D.; BARON, R.; CHANDRASEKHAR, I.; CHRISTEN, M.; DAURA, X.; GEE, P.; GEERKE, D. P.; GLÄTTLI, A.; HÜNENBERGER,

P. H.; KASTENHOLZ, M. A.; OOSTENBRINK, C.; SCHENK, M.; TRZESNIAK, D.; VAN DER VEGT, N. F. A.; YU, H. B. Biomolecular Modeling: Goals, Problems, Perspectives. **Angew. Chem. Int. Ed.** v. 45, p. 4064 – 4092, 2006.

VELUSAMY, V.; ARSHAK, K.; KOROSTYNSKA, O.; OLIWA, K.; ADLEY, C. An overview of foodborne pathogen detection: In the perspective of biosensors. **Biotechnology Advances**, v. 28, p. 232-254, 2010.

WANG, D.; ZHAO, Q.; ZOYSA, R. S. S.; GUAN, X. Detection of nerve agent hydrolytes in an engineered nanopore. **Sensors and Actuators**. v. 139, p. 440–446, 2009.

WANG, H., YUAN, R., CHAI, Y., CAO, Y., GAN, X., CHEN, Y., & WANG, Y. An ultrasensitive peroxydisulfate electrochemiluminescence immunosensor for Streptococcus suis serotype 2 based on l-cysteine combined with mimicking bi-enzyme synergetic catalysis to in situ generate coreactant. **Biosensors & bioelectronics**, v. 43, p. 63–68, 2013.

WANG, J. Eletrochemical Glucose Biosensors. **Chem. Rev.** v. 108, p. 814-825, 2008.

WANUNU, M. & MELLER, A. Chemically modified solid-state nanopores. **Nano Letters.** v.7, p. 1580-1585, 2007.

WANUNU, M. Nanopores: A journey towards DNA sequencing. **Physics of Life Reviews.** 2012.

WANUNU, M., SUTIN, J., MCNALLY, B., CHOW, A., MELLER, A. DNA Translocation Governed by Interactions with Solid-State Nanopores. **Biophysical Journal**, v. 95, p. 4716-4725, 2008.

WHEELER, D. A, SRINIVASAN, M., EGHOLM, M., SHEN, Y., CHEN, L., MCGUIRE, A., … ROTHBERG, J. M. The complete genome of an individual by massively parallel DNA sequencing. **Nature**, v. 452, p. 872–6, 2008.

WOLFE, A. J.; MOHAMMAD, M. M.; CHELEY, S.; BAYLEY, H.; MOVILEANU, L. Catalyzing the translocation of polypeptides through attractive interactions. **Journal of the American Chemical Society**. v. 129, p.14034-14041, 2007.

WU, H. C. & BAYLEY, H. Single-molecule detection of nitrogen mustards bycovalent reaction within a protein nanopore. **Journal of the American Chemical Society.** v. 130, p. 6813-6819, 2008.

WU, H. C.; ASTIER, Y.; MAGLIA, G.; MIKHAILOVA, E.; BAYLEY, H. Protein nanopores with covalently attached molecular adapters. **Journal of the American Chemical Society.**v.129, p. 16142-16148, 2007.

YURA, T., MORI, H., NAGAI, H., NAGATA, T., ISHIHAMA, A., FUJITA, N., ISONO, K., MIZOBUCHI, K. AND NAKATA, A. Systematic sequencing of the Escherichia coli genome: analysis of the 0–2.4 min region**. Nucleic Acids Res**. v. 20, p. 3305–3308, 1992.

ZENG WU, T. A piezoelectric biosensor as an olfactory receptor for odour detection: electronic nose. **Biosensors and Bioeletronics**. v.14, p. 9-18, 1999.

ZHAO, N. W. Recent Progress in the Methods of Genome Sequencing.**Brazilian Archives of Biology and Technology.**v.53, p. 319-325, 2010.

ZHAO, Q.; JAYAWARDHANA, D. A.; WANG, D.; GUAN, X. Study of Peptide Transport through Engineered Protein Channels.**J. Phys. Chem. B**, v.113, p.3572-3578, 2009.

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Investigar, *in silico*, a influência das modificações na estrutura proteica do nanoporo de alfa-hemolisina na interação com ácidos nucleicos.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar triagem por meio de software de modelagem computacional para analisar como as alterações na estrutura proteica (mutações e funcionalização) podem influenciar no diâmetro do poro.
- Determinar os parâmetros ideais na realização de dinâmica molecular para observar o potencial de força média que ocorre nas interações entre o ácido nucleico e o nanoporo de α-hemolisina, comparando as formas mutantes com a forma nativa (WT).
- Prever alterações no diâmetro e no perfil eletrostático do nanoporo mutado da α-hemolisina em preparação para o uso de adaptadores moleculares.

CAPÍTULO 1

STEERED MOLECULAR DYNAMICS SIMULATIONS OF DNA TRANSLOCATION THROUGH THE α-HEMOLYSIN NANOPORE

Annielle M. B. da Silva, Cláudio G. Rodrigues, Adriana Fontes and Gustavo Seabra

A ser submetido no periódico Biophysical Journal

Steered Molecular Dynamics Simulations of DNA translocation through the α-hemolysin nanopore

Annielle M. B. da Silva, Cláudio G. Rodrigues, Adriana Fontes and Gustavo Seabra

Abstract

Staphylococcus aureus produces α-hemolysin protein that, when incorporated into a planar lipid bilayer, forms a nanopore that has been used for detection of several molecules and is considered a promising biosensor. In the experimental devices, the "reading" of DNA sequences is possible by electrophoretically driving the translocation of single-stranded DNA through the nanopore. However, the extremely high speed of nucleotides translocation is a problem for the secure identification of nucleotides. In this work, nonequilibrium molecular dynamics simulations are performed to study the process of DNA translocation trough the wild α-hemolysin nanoporo, and two selected mutants. Understanding the translocation will direct experimental studies for improving detection in future nucleic acid sequencers.

Introduction

Detection and/or monitoring of specific molecules in solution are of fundamental importance in basic science and in technological applications (1). Conventional sensors are usually quite slow and sensitive only to relatively large quantities of molecules of interest. Nanopore stochastic sensing is currently an active research area, characterized by highly-sensitive, rapid and multifunctional detection capabilities (2). The sensing principle of such sensors is based on transient interruptions in the ion-current of an electrolyte, induced by the entry, transport, and exit of a particular analyte from the pore. The interaction events are randomly distributed on the time scale that permits to designate such sensors as stochastic. The basis of nanopore sensors is the same of conventional Coulter counter invented in 1953 (3). The size of the sensing element is the main difference. There is no fundamental limit to minimum detectable particle size, but for optimal detection the analyte should be on the order of the pore size. There are several studies aimed to develop a molecular Coulter counter using nanopores formed in different materials: inorganic, polymer films (4–8) and, of course, formed protein nanopores in lipid bilayers (1, 9–11). The nanopore formed by α-hemolysin of *Staphylococcus aureus* (αHL) is most used so far for this aim (12–27)

Despite the proof-of-concept for the use of single nanopores in sensor applications, single molecule detection level and DNA sequencers, the improving the detection capability of the nanopore is the barest necessity. In the approach of sequencing by nanopore sensing technology means that a single stranded molecule of DNA or RNA is electrophoretically driven through a single nanopore, and each base is read as it passes at a point of recognition within the nanopore. The current that is generated by the passage of ions (e.g., K^+ and Cl^-) through the nanopore during DNA translocation provides the reading needed to distinguish each base. The nanopore formed by the bacteria *Staphylococcus aureus*'s α-hemolysin protein, when incorporated into a planar lipid bilayer, is regarded as one of the most promising bioestructures to the production of molecular sequencers, once it has been fully elucidated its molecular crystalline structure (28) since it has geometric dimensions compatible with DNA, and ease of adaptation by genetic engineering techniques and/or chemical modification.. The major challenge to α-hemolysin nanopores use as nucleic acid sequencer is the high translocation speed of the DNA strand through the nanopore, which

avoids the detection of the different nitrogen bases to occur efficiently and reliably. In this direction, it is desirable to find ways to reduce the rate of DNA strand translocation and thereby increase the residence time of the protein within the nanopore. Strategies for overcoming this operating challenge are changing the ionic solution composition or concentration (26, 29, 30); or changing the protein structure, by site-directed mutations or chemical functionalization (31–33). The aim could be achieved in several ways, e.g., via molecular engineering of the nanopore and improvement of experimental design (10, 34–39)

A pioneering work by Akabas and colleagues (40) demonstrated that cysteine scanning mutagenesis could be used to map the topology of ion channels (13). Later, Merzlyak and colleagues demonstrated the use of cysteine scanning to carry mutations in specific regions of the α-hemolysin nanopore, and subsequently introduced chemical modifications in these novel cysteine side chains with water-soluble sulfhydryl-specific reagents, suggesting the net charge of the channel wall to be responsible for cation-anion selectivity of the α-hemolysin nanopore (10).

We applied nonequilibrium molecular dynamics simulations to get a microscopic view and obtain the free energy profiles of the translocation of a single-stranded DNA through the α-hemolysin pore. Some of the mutants used in this last work(31)were submitted to constant velocity steered molecular dynamics (cv-SMD) simulations, and the Jarzynski relation was used to obtain the free energy of the process.

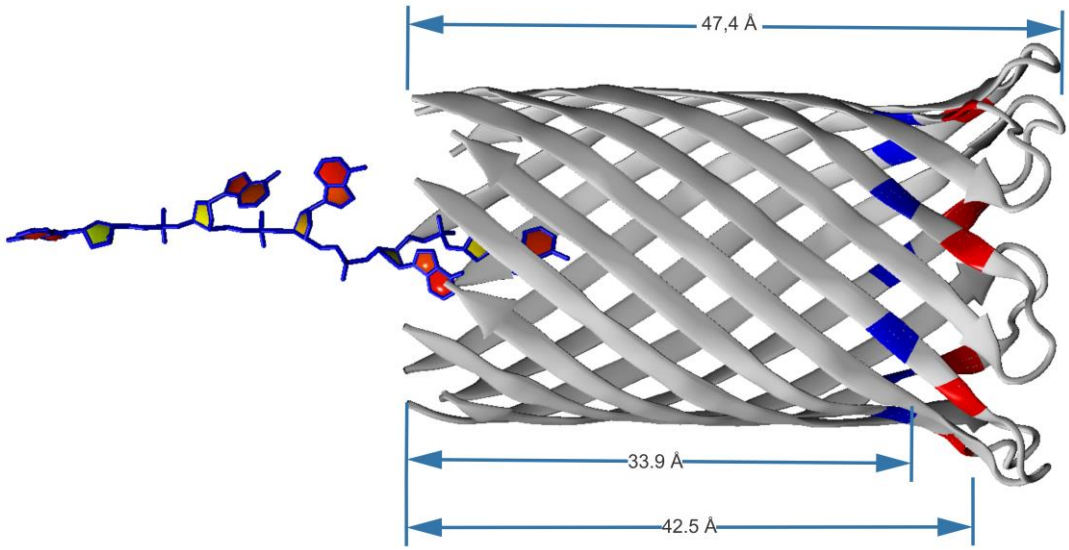


Figure 1. Figure representing the starting configuration of 5’ led 5 poly(dA) nucleotide translocation simulation. Colored residues in the pore point to the mutation positions: blue-colored residues in the pore indicate position 135, while the red-colored residues indicate position 133 (respectively Leucine and Glycine, in wild-type α-hemolysin).

Materials and Methods

Mutants Selection

The α-hemolysin crystallographic structure coordinates were taken from Protein Data Bank (PDB) entry 7AHL(28). In the work by Merzlyak et al mentioned above,(31) site-directed mutagenesis was used to replace the native amino acid for a cysteine at 24 different positions, and subsequent addition of sulfidryl-specific reagents that bind to cysteine's free –SH group. Among those positions, we chose six as possible candidates for the computational study. The criteria for the selection included that the amino acid side-chain must be pointed towards the inside of the channel. Thus, odd-numbered positions 129, 133 135, 139, 141 and 143 were chosen for mutation, which were applied in the 7 α-hemolysin subunits.

PyMOL Molecular Graphics System (41) software was used to apply the mutations, using the available *mutagenesis* tool. The diameter of the channel was measured using the *measurement* tool. For each structure, 7 distances were measured, between the innermost atoms of the amino acids side-chains in diametrically opposing positions.

Model Construction and Simulation Details

Starting from the PDB structure, a minimal model of the system was built by keeping only the residues that are inserted in the membrane, i.e., the *stem* (residues 111–147 in each of the seven chains that make the pore) (Figure 1). Atoms missing in the original PDB structure (such as hydrogen atoms) were included during model building by the LEaP program, part of the AMBER 12 Molecular Dynamics Suite.(42) The DNA oligomer of 5 adenine bases was also built using LEaP, and manually inserted into the nanopore using UCSF Chimera.(Figure 1) The selected mutants were constructed by mutating the corresponding residues on this last structure.

All simulations were performed using the molecular dynamics simulation program *sander*, part of the AMBER 12 package. Before molecular dynamics all structures were subjected to 10.000 steps of energy minimization. To account for solvation effects, we use the generalized Born model-2, developed by A. Onufriev, D. Bashford and D.A. Case.(43) We restrain the α-carbon atoms (C_α) of the protein stem with a low force constant of 3.0 kcal mol^{-1} $Å^{-2}$, to simulate the presence of a lipid membrane externally to nanopore and to prevent the entire pore from being dragged during the cv-SMD simulations.

As shown by several groups, a difference is observed in the translocation times of nucleic acid polymers depending on whether they are threaded by 3' or 5' end of the nucleotide chain. (44, 45). We have chosen to run the translocation simulations by steering the C3' carbon atom at the 5' tail residue of the DNA through the barrel of α-hemolysin. This atom was aligned at a 9 Å distance to the center of mass of all the C_α of protein residues 111, which form a ring on the top of the stem. (Figure1)

The Visual Molecular Dynamics software [VMD, (46)] was used to count the number of hydrogen bonds between the DNA molecule and the protein during DNA translocation. H-bonds were counted if donor-acceptor distance was below 3.0 Å, and the angle below 45°. This procedure was applied to all simulations, and the number of H-bonds averaged over all repetitions of the same system.

Jarzynski's Relation

The calculation of free energy is one of the most important aspects in the field of computational biology, serving as a critical bridge between the theoretical and experimental data. With the free energy from the experiments we evaluate the confidence of the theoretical model and improve model accuracy. Moreover, the free energy computed in the theoretical model becomes a complementary tool to experimental information (47). The free energy profile can be regarded as a reference in many structural or reactional processes such as protein folding (48); ion transport (49); protein-ligand relative affinity binding (50)and relative affinity of potential drugs(51).

Understanding the free energy profile of the DNA translocation process is important to determine thermodynamic and kinetic properties of the system. The free energy is an equilibrium property and, in order to calculate it from a non-equilibrium process as cv-SMD, the Jarzynski's relation (JR) can be used (18). The JR equals the change in free energy that occurs at equilibrium, to the ensemble average of the work performed on a large number of realizations of the same process as described in equation 1:

$$e^{-\beta \Delta F} = \langle e^{-\beta W} \rangle \quad (1)$$

Here, β is the inverse of temperature multiplied by the Boltzmann's constant ($1/k_B T$), the angled brackets represent the ensemble average; ΔF is the change in free energy, and W is the work for each process. Thus the Jarzynski's relation is the equality between the free energy in the equilibrium and the average of the work done in the multiple repetitions of a non-equilibrium process.

Results and Discussion

Mutant Selection

The average of the distances between the innermost atoms of the amino acids side-chains in diametrically opposing positions for the six mutants is shown in Table 1**Erro! Fonte de referência não encontrada.**. From those, we decided to simulate systems with the mutations on aminoacids 133 and 135, respectively the shortest and longest predicted diameters, leading to mutants G133C and L135C. The first one resulted in a 4 Å reduction in diameter, expected to increase the DNA residency time inside the pore. In the second, a leucine was replaced by cysteine, resulting in diameter increase. Previous work had already determined the importance of these positions in DNA interaction. (52)

Position – Aminoacid	WT	Mutant
129 – T	24.46 ±0.43	24.94±0.36
133 – G	24.47±0.34	20.71±0.38
135 – L	16.67±0.63	19.07±0.21
139 – N	20.2±0.35	20.46±0.51
141 – S	20±0.59	20.34±0.52
143 – G	20.06±0.30	19.61±0.23

Table 1. Diameter measurement. The WT column represents the diameter measurement of the wild type α-hemolysin. The Mutant column represents the diameter measurement of mutants by cysteine addiction

Optimization of SMD parameters

There are many parameters that need to be carefully selected for effective SMD simulations. Here, the spring constant and pulling speed were selected before simulations, because these were especially sensitive to the size and conformational behavior of the pulled molecule, requiring explicit attention for the translocation of DNA.

If the system is too far from equilibrium, the translocations of large deformable molecule in a SMD simulation can result in undesirable conformational changes. This is due to translocation forces being applied to only a small part of molecule. If the molecule moves too fast, there is insufficient time for relaxation forces to return the structure to its equilibrium state.(53)

Figure 2 shows the effect of the SMD pulling speed on the separation of two DNA bases, as measured by the distance between the center of masses of the atoms C3' and H3' from the first and second DNA residues. It is visible that, at large pulling speeds (5.0 and 2.0 Å ps^{-1}), the distance increases continually, indicating the stretching of the DNA. At pulling speeds of 1.0 Å ps^{-1} and below the distance between the bases stabilizes. We have chosen to use a pulling speed of 1.0 Å ps^{-1}, for offering a good compromise between speed and simulation time.

Figure 3 shows the effect of the force constant, as measured by the lag between the real position of the C3' atom and the center of the restraint, all measured at a pulling speed of 1.0 Å ps^{-1}. For small force constants, the discrepancy between the restraint and the steered atom positions is clear, while larger force constants are able to minimize the lag. Again, the value of 100 kcal mol^{-1} $Å^{-2}$ to be used was chosen based on a compromise between accuracy and computational time.

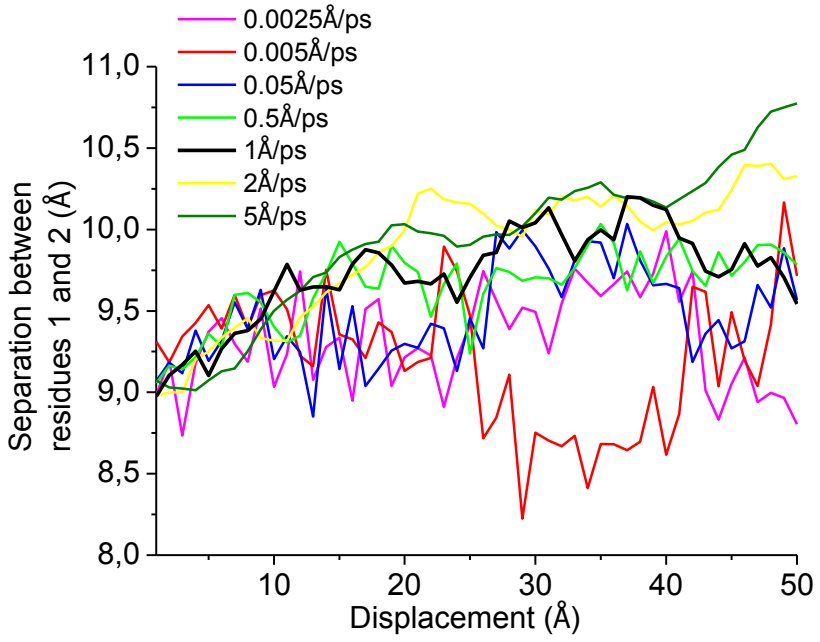


Figure 2. Effect of pulling speed in the separation of DNA residues.

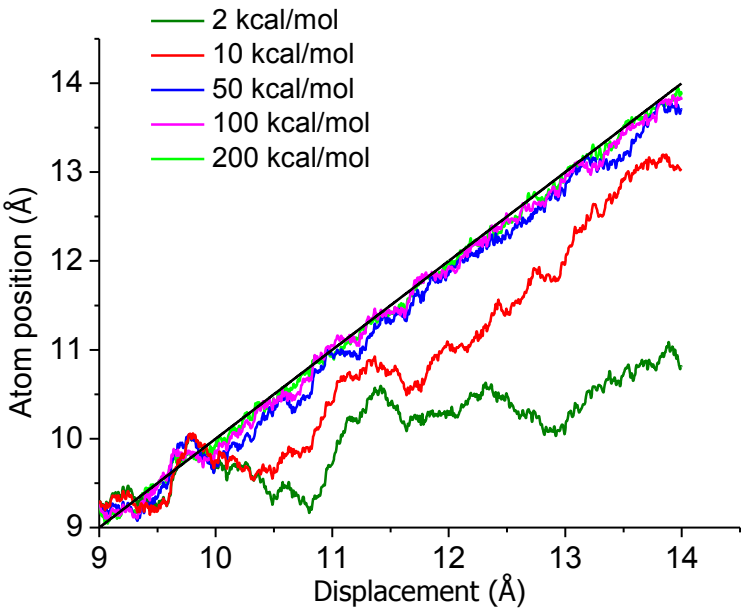


Figure 3. Effect of spring constant values on the lag between the SMD atom and the constraint position (displacement). The abscissa shows the required atom position (constraint), while the ordinate shows the real position. The solid black line indicates the ideal situation where the real atom position perfectly follows the constraint position.

Simulation of Oligonucleotide Translocation

We present the free energy profiles from the translocation of 5 poly(dA) nucleotide through the α-hemolysin nanopore in wild type and mutant form. The free energy profiles were obtained using the JR and can demonstrate interactions between molecules in a system. Figure 4 shows the potential of mean force (PMF) in DNA translocation though the α-hemolysin nanopore, that demonstrated the interactions between the DNA oligomer and amino acid side chains from the nanopore (54).

Comparing the PMFs, it is clear that both mutants already require a higher free energy for the translocation, with the L135C mutant showing the highest barrier, which happens precisely when the pulled atom reaches this position. In the wildtype α-hemolysin the 135 postion is comprised of seven leucines, all pointed towards the center forming a hydrophobic ring. Apparently, exchanging those amino acids by cysteines, smaller and more polar, increased the interaction between DNA and the ring, leading to a higher translocation barrier.

For the G133C mutant, on the other hand, there was an overall increase in the free energy profile, but a local reduction in the translocation barrier when the pulled atom reaches the point of mutation, which may be due to the restriction caused by replacing the glycines by cysteines.

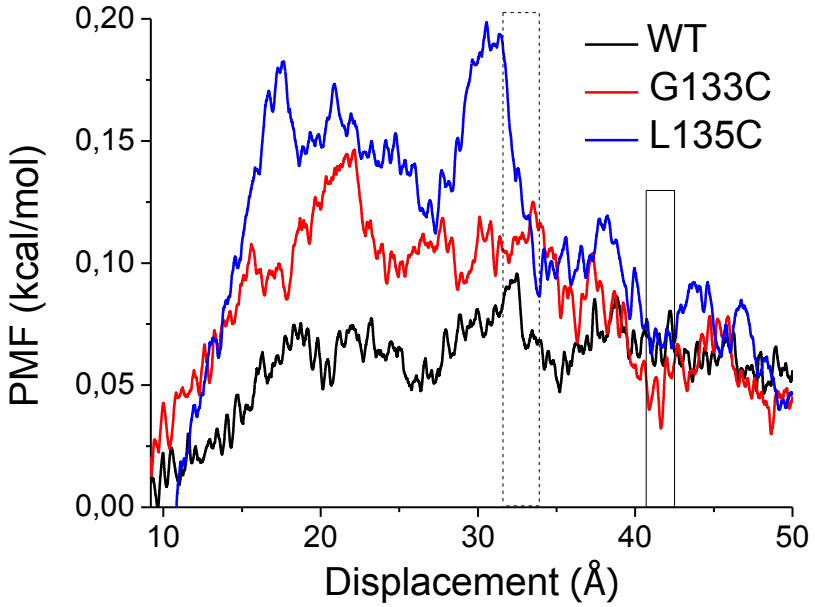


Figure 4. Potential of mean force for the translocation of DNA through the α-hemolysin nanopore, as a function of the displacement of the pulled atom. The dashed mark shows the 135 position and the solid mark shows the 133 position.

Figure 5 shows the average pore diameter as measured at the position of the mutations, throughout the simulation. It shows that the pore is stable and, although the individual measures of diameter vary during the simulation, the average diameter at the positions of interest are in agreement with the preliminary measurements (Table 1). These results indicate that the restrictions to hold the stem structure functioned as expected.

The average number of hydrogen bonds between the DNA and the protein structure during the translocation is shown in Figure 6. As expected, one can see that the increase in diameter for the L135C mutant resulted in a lower number of hydrogen bonds at the site of mutation. On the other hand, the G133C mutant shows a slight decrease in the number of H-bonds, which may also result from the decease in flexibility caused by the mutation.

Conclusion

We presented here a new model system for the simulation of DNA translocation through the α-hemolysin pore. The pore was constructed in vacuum, and restraints and implicit solvent with a low dielectric constant used to simulate the membrane environment. The control parameters for the multiple steered molecular dynamics simulations needed to obtain the potentials of mean force of translocation, pulling speed and force constant, were determined and tested with simulations of DNA translocation using the wild type and two different mutant pores, which were characterized by their translocation PMF, hydrogen bonding pattern, and pore diameter variation through the simulations.

The results are promising and show that the model is stable and respond adequately to the changes in the pore. In the next step, we will integrate in the pore the functionalization of the cysteines, which can be done experimentally by using water-soluble sulfydryl-specific reagents, and are expected to improve control over the DNA translocation speed.

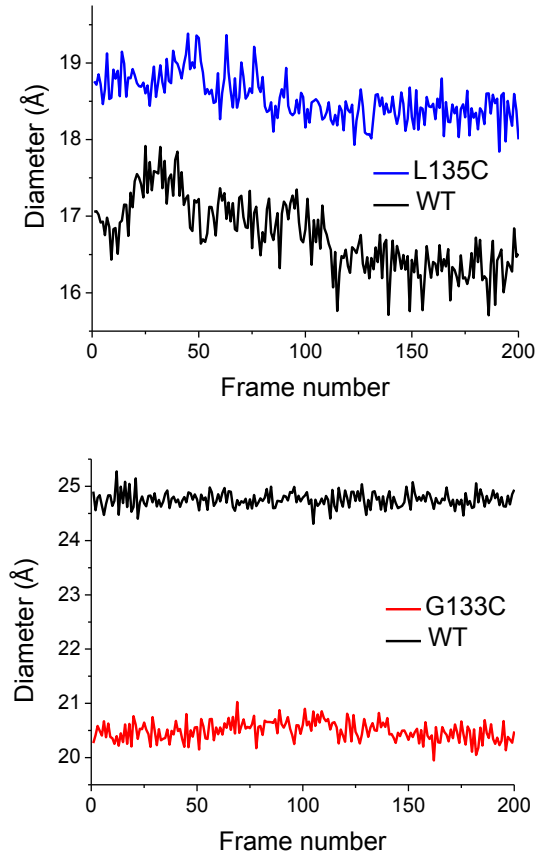


Figure 5. Average of diameter measurements in 135 and 133 positions during the translocation simulations. At the top, the measurements are all taken at position 135, while at the bottom all measurements are made at position 133.

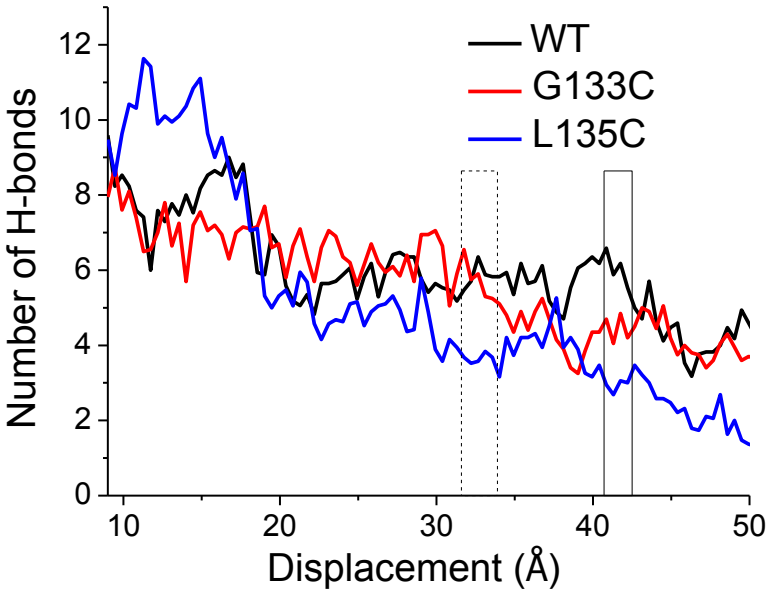


Figure 6. Total number of hydrogen bonds between 5 poly(dA) and α-hemolysin interior amino acids side chains, as a function of the displacement of the pulled atom. The dashed mark shows the 135 position and the solid mark shows the 133 position.

References

1. Kasianowicz, J.J., J.W.F. Robertson, E.R. Chan, J.E. Reiner, and V.M. Stanford. 2008. Nanoscopic porous sensors. Annual review of analytical chemistry (Palo Alto, Calif.). 1: 737–66.

2. Kasianowicz, J.J., J.E. Reiner, J.W.F. Robertson, S.E. Henrickson, C. Rodrigues, et al. 2012. Detecting and characterizing individual molecules with single nanopores. Methods in molecular biology (Clifton, N.J.). 870: 3–20.

3. Coulter, W.H. 1953. Means for counting particles suspended in a fluid. U.S. Patent 2,656,508 (Chicago).

4. Ito, T., L. Sun, M. a Bevan, and R.M. Crooks. 2004. Comparison of nanoparticle size and electrophoretic mobility measurements using a carbon-nanotube-based coulter counter, dynamic light scattering, transmission electron microscopy, and phase analysis light scattering. Langmuir : the ACS journal of surfaces and colloids. 20: 6940–5.

5. Aksimentiev, A., J.B. Heng, G. Timp, and K. Schulten. 2004. Microscopic Kinetics of DNA Translocation through synthetic nanopores. Biophysical journal. 87: 2086–97.

6. Cheng, L.-J., and L.J. Guo. 2007. Rectified ion transport through concentration gradient in homogeneous silica nanochannels. Nano letters. 7: 3165–71.

7. Heng, J.B., A. Aksimentiev, C. Ho, P. Marks, Y. V Grinkova, et al. 2006. The electromechanics of DNA in a synthetic nanopore. Biophysical journal. 90: 1098–106.

8. Wanunu, M., and A. Meller. 2007. Chemically modified solid-state nanopores. Nano letters. 7: 1580–5.

9. Heron, A.J., J.R. Thompson, B. Cronin, H. Bayley, and M.I. Wallace. 2009. Simultaneous measurement of ionic current and fluorescence from single protein pores. Journal of the American Chemical Society. 131: 1652–3.

10. Bayley, H. 2007. Understanding and manipulating channels and pores. Molecular bioSystems. 3: 645–7.

11. Branton, D., D.W. Deamer, A. Marziali, H. Bayley, S. a Benner, et al. 2008. The potential and challenges of nanopore sequencing. Nature biotechnology. 26: 1146–53.

12. Kasianowicz, J.J., and S.M. Bezrukov. 1995. Protonation dynamics of the alpha-toxin ion channel from spectral analysis of pH-dependent current fluctuations. Biophysical journal. 69: 94–105.

13. Gu, L.Q., O. Braha, S. Conlan, S. Cheley, and H. Bayley. 1999. Stochastic sensing of organic analytes by a pore-forming protein containing a molecular adapter. Nature. 398: 686–90.

14. Cheley, S., L.-Q. Gu, and H. Bayley. 2002. Stochastic Sensing of Nanomolar Inositol 1,4,5-Trisphosphate with an Engineered Pore. Chemistry & Biology. 9: 829–838.

15. Kang, X.-F., S. Cheley, X. Guan, and H. Bayley. 2006. Stochastic detection of enantiomers. Journal of the American Chemical Society. 128: 10684–5.

16. Wolfe, A.J., M.M. Mohammad, S. Cheley, H. Bayley, and L. Movileanu. 2007. Catalyzing the translocation of polypeptides through attractive interactions. Journal of the American Chemical Society. 129: 14034–41.

17. Pastoriza-Gallego, M., G. Gibrat, B. Thiebot, J.-M. Betton, and J. Pelta. 2009. Polyelectrolyte and unfolded protein pore entrance depends on the pore geometry. Biochimica et biophysica acta. 1788: 1377–86.

18. Astier, Y., D.E. Kainov, H. Bayley, R. Tuma, and S. Howorka. 2007. Stochastic detection of motor protein-RNA complexes by single-channel current recording. Chemphyschem : a European journal of chemical physics and physical chemistry. 8: 2189–94.

19. Krasilnikov, O., C. Rodrigues, and S. Bezrukov. 2006. Single Polymer Molecules in a Protein Nanopore in the Limit of a Strong Polymer-Pore Attraction. Physical Review Letters. 97: 1–4.

20. Bayley, H. 2006. Sequencing single molecules of DNA. Current opinion in chemical biology. 10: 628–37.

21. Ashkenasy, N., J. Sánchez-Quesada, H. Bayley, and M.R. Ghadiri. 2005. Recognizing a single base in an individual DNA strand: a step toward DNA sequencing in nanopores. Angewandte Chemie (International ed. in English). 44: 1401–4.

22. Hornblower, B., A. Coombs, R.D. Whitaker, A. Kolomeisky, S.J. Picone, et al. 2007. Single-molecule analysis of DNA-protein complexes using nanopores. Nature methods. 4: 315–7.

23. Gupta, P.K. 2008. Single-molecule DNA sequencing technologies for future genomics research. Trends in biotechnology. 26: 602–11.

24. Bezrukov, S.M., O. V Krasilnikov, L.N. Yuldasheva, A.M. Berezhkovskii, and C.G. Rodrigues. 2004. Field-dependent effect of crown ether (18-crown-6) on ionic conductance of alpha-hemolysin channels. Biophysical journal. 87: 3162–71.

25. Zhao, Q., D. a Jayawardhana, D. Wang, and X. Guan. 2009. Study of peptide transport through engineered protein channels. The journal of physical chemistry. B. 113: 3572–8.

26. Rodrigues, C.G., D.C. Machado, S.F. Chevtchenko, and O. V Krasilnikov. 2008. Mechanism of KCl enhancement in detection of nonionic polymers by nanopore sensors. Biophysical journal. 95: 5186–92.

27. Akeson, M., D. Branton, J.J. Kasianowicz, E. Brandin, and D.W. Deamer. 1999. Microsecond time-scale discrimination among polycytidylic acid, polyadenylic acid, and polyuridylic acid as homopolymers or as segments within single RNA molecules. Biophysical journal. 77: 3227–33.

28. Song, L., M.R. Hobaugh, C. Shustak, S. Cheley, H. Bayley, et al. 1996. Structure of Staphylococcal alpha -Hemolysin, a Heptameric Transmembrane Pore. Science. 274: 1859–1865.

29. Rodrigues, C.G., D.C. Machado, A.M.B. da Silva, J.J.S. Júnior, and O. V Krasilnikov. 2011. Hofmeister effect in confined spaces: halogen ions and single molecule detection. Biophysical journal. 100: 2929–35.

30. Kowalczyk, S.W., D.B. Wells, A. Aksimentiev, and C. Dekker. 2012. Slowing down DNA translocation through a nanopore in lithium chloride. Nano letters. 12: 1038–44.

31. Merzlyak, P.G., M.-F.P. Capistrano, A. Valeva, J.J. Kasianowicz, and O. V Krasilnikov. 2005. Conductance and ion selectivity of a mesoscopic protein nanopore probed with cysteine scanning mutagenesis. Biophysical journal. 89: 3059–70.

32. Clarke, J., H. Wu, L. Jayasinghe, A. Patel, S. Reid, et al. 2009. nanopore DNA sequencing. 4.

33. Rincon-Restrepo, M., E. Mikhailova, H. Bayley, and G. Maglia. 2011. Controlled translocation of individual DNA molecules through protein nanopores with engineered molecular brakes. Nano letters. 11: 746–50.

34. Krishnasastry, M., B. Walker, O. Braha, and H. Bayley. 1994. Surface labeling of key residues during assembly of the transmembrane pore formed by staphylococcal α-hemolysin. FEBS Letters. 356: 66–71.

35. Walker, B., J. Kasianowicz, M. Krishnasastry, and H. Bayley. 1994. A pore-forming protein with a metal-actuated switch. “Protein Engineering, Design and Selection”. 7: 655–662.

36. Chang, C., B. Niblack, B. Walker, and H. Bayley. 1995. A photogenerated pore-forming protein. Chemistry & Biology. 2: 391–400.

37. Braha, O., B. Walker, S. Cheley, J.J. Kasianowicz, L. Song, et al. 1997. Designed protein pores as components for biosensors. Chemistry & Biology. 4: 497–505.

38. Jayasinghe, L., and H. Bayley. 2005. The leukocidin pore : Evidence for an octamer with four LukF subunits and four LukS subunits alternating around a central axis. : 2550–2561.

39. Muthukumar, M. 2007. Mechanism of DNA transport through pores. Annual review of biophysics and biomolecular structure. 36: 435–50.

40. Akabas, M., D. Stauffer, M. Xu, and A. Karlin. 1992. Acetylcholine receptor channel structure probed in cysteine-substitution mutants. Science. 258: 307–310.

41. DeLano, W.L. 2002. The PyMOL Molecular Graphics System on World Wide Web. .

42. Case, D.A., T.A. Darden, I. T.E., Cheatham, C.L. Simmerling, J. Wang, et al. 2012. AMBER 12. San Francisco: University of California.

43. Onufriev, A., D. Bashford, and D.A. Case. 2004. Exploring protein native states and large-scale conformational changes with a modified generalized born model. Proteins. 55: 383–94.

44. Wanunu, M., B. Chakrabarti, J. Mathé, D.R. Nelson, and A. Meller. 2008. Orientation-dependent interactions of DNA with an α -hemolysin channel. Physical Review E. 77: 1–5.

45. Butler, T.Z., J.H. Gundlach, and M. a Troll. 2006. Determination of RNA orientation during translocation through a biological nanopore. Biophysical journal. 90: 190–9.

46. Humphrey, W., a Dalke, and K. Schulten. 1996. VMD: visual molecular dynamics. Journal of molecular graphics. 14: 33–8, 27–8.

47. Bond, P.J., A.T. Guy, A.J. Heron, H. Bayley, and S. Khalid. 2011. Molecular dynamics simulations of DNA within a nanopore: arginine-phosphate tethering and a binding/sliding mechanism for translocation. Biochemistry. 50: 3777–83.

48. Finkelstein, a. V., and O.V. Galzitskaya. 2004. Physics of protein folding. Physics of Life Reviews. 1: 23–56.

49. Piccinini, E., F. Affinito, R. Brunetti, C. Jacoboni, and M. Ceccarelli. 2007. Exploring free-energy profiles through ion channels: Comparison on a test case. Journal of Computational Electronics. 6: 373–376.

50. Suever, J.D., Y. Chen, J.M. McDonald, and Y. Song. 2008. Conformation and free energy analyses of the complex of calcium-bound calmodulin and the Fas death domain. Biophysical journal. 95: 5913–21.

51. Böhm, H.J. 1998. Prediction of binding constants of protein ligands: a fast method for the prioritization of hits obtained from de novo design or 3D database search programs. Journal of computer-aided molecular design. 12: 309–23.

52. Martin, H.S.C., S. Jha, S. Howorka, and P. V. Coveney. 2009. Determination of Free Energy Profiles for the Translocation of Polynucleotides through α-Hemolysin Nanopores using Non-Equilibrium Molecular Dynamics Simulations. Journal of Chemical Theory and Computation. 5: 2135–2148.

53. Wells, D.B., V. Abramkina, and A. Aksimentiev. 2007. Exploring transmembrane transport through alpha-hemolysin with grid-steered molecular dynamics. The Journal of chemical physics. 127: 125101.

54. Park, S., and K. Schulten. 2004. Calculating potentials of mean force from steered molecular dynamics simulations. The Journal of chemical physics. 120: 5946–61.

5. CONCLUSÃO

Pode-se obter por meio de software de química computacional, a análise da alteração causada mutações realizadas na estrutura proteica do nanoporo da α-hemolisina, no diâmetro do poro, o que interferiu diretamente variação da energia livre que ocorre com a translocação da fita simples de DNA pelo interior do nanoporo. As mutantes escolhidas, G133C e L135C, juntamente com a forma nativa, foram empregadas em todos os cálculos de parametrização do sistema e na avaliação da variação de energia livre.

Determinaram-se os parâmetros ideais para a realização da dinâmica molecular com o sistema DNA – α-hemolisina em solvente implícito. Estes parâmetros estabelecidos foram os de velocidade igual a 1Å ps^{-1} e de constante de força igual a 100 kcal mol^{-1} $Å^{-2}$ que foram aplicados ao sistema usando a relação de Jarzynski.

Por meio da relação de Jarzynski, obteve-se a variação de energia livre, observando que a mutante G135C apresenta uma maior interação com a fita de DNA, além de um número aumentado de ligações de hidrogênio entre o DNA e o Interior do poro. Notou-se também que o diâmetro do nanoporo submetido à dinâmica molecular não teve grandes variações, oq eu mostra a efetividade do sistema, mesmo que simplificado.

6. PERSPECTIVAS

Com esses dados podemos obter a determinação dos parâmetros preliminares para posteriores alterações no nanoporo da α-hemolisina usando reagentes sulfidrila-específicos hidrossolúveis, os quais irão funcionalizar as cisteínas ligando-se a estas, alterando o perfil eletrostático do interior do nanoporo e a sua estrutura.

Sendo assim, temos como perspectivas de continuação deste trabalho, a parametrização das moléculas funcionalizadas para a análise da energia livre do sistema e melhoramento da parte experimental do sequenciamento por nanoporo de α-hemolisina.

7. ANEXOS

7.1. NORMAS DA REVISTA

Last updated July 2012

Biophysical Journal Author Guidelines

MISSION STATEMENT

Biophysical Journal is the leading international journal for original research in molecular, cellular, and systems biophysics.

Modern biophysics is a broad and rapidly advancing field encompassing the study of biological structures with a focus on mechanisms at the molecular, cellular, and systems level using the concepts and methods of physics, chemistry, mathematics, engineering, and computational science. Research on a broad range of biological problems is unified when approached with this common set of intellectual tools. *BJ* aims to publish the highest quality work representing this quantitative approach to biological science. Articles should be of sufficient impact to be of general interest to biophysicists, regardless of their research specialty.

SCOPE

BJ publishes original articles, letters, and reviews on the most important developments in modern biophysics. The papers should be important and of interest to a broad community of biophysicists and readers of *BJ*. Experimental studies of a purely phenomenological nature, with no theoretical or mechanistic underpinning, are not appropriate for publication in *BJ*. Theoretical studies should make strong contact to the areas of experimental studies found in *BJ* and/or conducted by the members of the Biophysical Society. Papers describing very significant methodological or technological advances are also suitable for publication in *BJ*. Such advances should have potential to open new areas of investigation or, at the least, lead to new biophysical conclusions.

Papers describing improvements in accuracy or speed of existing methods or extra detail within methods described previously are not suitable for *BJ*. All authors are required to suggest appropriate referees. When studies have a cross-disciplinary nature, such as modeling, novel methods or theory applied to a biophysical research problem, authors are encouraged to suggest potential referees with the requisite expertise to assess both the technical/theoretical merits and the significance of potential applications of the work.

GENERAL POLICIES

Prior Publication

Manuscripts submitted to *BJ* must be original; papers that have already been published or are concurrently submitted elsewhere for publication are not acceptable for submission. This includes manuscripts previously submitted to *BJ*, as well as material that has been submitted to other journals while *BJ* is considering the manuscript.

If some part of the work has appeared or will appear elsewhere, the authors must give the specific details of such appearances in the cover letter accompanying the *BJ* submission. If previously published illustrative material, such as figures or tables, must be included, the authors are responsible for obtaining the appropriate permissions from the publisher(s)
before the material may be published in *BJ*. The final decision regarding acceptance of a manuscript for publication will be made by the Editor-in-Chief.

Web Policies

It is increasingly common practice for authors to use the worldwide web to make their

manuscripts publicly available before submitting them to regular journals. Like all other journals, *BJ* does not accept manuscripts that have been published elsewhere. Prior publication could include, but is not limited to, deposition of all or part of the data in a publicly accessible preprint or poster repository. . *BJ* will consider for publication manuscripts that have been posted informally on a private web site, but it will not accept manuscripts that have been posted on "virtual journal" web sites following review. Questions related to this policy should be directed to the editors.

Information gained from other peoples' web postings should be referenced in manuscripts as personal communications, and the names of the authors and the URL where the information is posted must be supplied. Those making reference to information of their own that appears on the web should reference it as "unpublished data" and again give the URL where it may be found.

Related Works

Authors are strongly advised to include, along with their manuscript submission, related papers and any information that will aid in the review process. If this material is not included along with the submission, processing may be delayed because the handling editor can be expected to request these materials from the authors. This includes closely related manuscripts under review at other journals.

Reviewers

Regular manuscripts may be reviewed by 1–3 reviewers who are solicited by the handling editor.

English Usage

All submitted papers should be written with the use of proper English. For assistance with writing and editing papers, visit the link below:

http://www.councilscienceeditors.org/jobbank/services.cfm

Page Limit

All papers have a page estimation limit of no more than 10.0 journal pages. Authors should use the link below to estimate the number of printed pages for their manuscript. Papers with a page-number estimation over 10.0 pages will be sent back to the author to be shortened.

Page Estimation Link

http://www.biophysics.org/tabid/556/default.aspx

Use the “characters (with spaces)” word count. The word count should include the title page, abstract, article text, appendices, and table and figure legends. Figures should be submitted at approx. 3.25 inches in width by 4 inches in height; if any figures are larger than this, they must be counted as 2 in the formula.

Authorship

The co-authors of a paper should include all persons who have made significant scientific contributions to the reported work and who share responsibility and accountability for it. Other contributors should be indicated in the Acknowledgments section. Inclusion of a name as an author is a statement that this person did make significant scientific contributions, while administrative relationships to the investigators do not qualify a person for co-authorship. Deceased persons who meet the criteria for co-authorship should be included, with a footnote indicating date of death. No fictitious names can be listed as authors or co-authors. An author submitting a manuscript for publication accepts the full responsibility for including as co-authors all appropriate persons. The submitting author must have previously sent each co-author a draft copy of the manuscript and obtained the co-authors’ agreement to co-authorship.

All authors will be notified that the paper has been submitted. To ensure acknowledgment of submission, current email addresses must be provided for all authors on the paper.

For administrative purposes, one author is designated as the corresponding author for all matters regarding the published paper (requests for materials, technical comments, and requests for revisions). *BJ* will forward feedback on the published paper to this author as the

point of contact. It is this author's full responsibility to inform all co-authors of any matters arising and to deal promptly with such matters. This author is not required to be the senior author of the paper. The person listed as the corresponding author in the submission site will determine the membership status of the manuscript regarding publication charges.

Authors' Conflicts of Interest

BJ requires all authors to disclose any private-sector financial conflicts of interest that might be construed to influence either the results or the interpretation of their manuscript, such as a significant financial benefit or significant fractional ownership of a company with related interests. Authors must declare such conflicts both in the submission letter and in the Acknowledgments section of the manuscript itself. This policy applies to all submitted manuscripts and review material.

Citing Other Works

BJ expects the highest level of scholarship from its authors. They should cite papers that are closely related to the present work, that have been influential in determining the nature of the reported work, and that will aid the reader in locating earlier work essential for understanding the present studies. Except in a review, the citation of works that are not relevant or directly related to the reported research should be minimized. For critical materials used in the work, there must be proper citation and acknowledgement of non- author sources.

The authors should identify all sources of information quoted or offered, except for common knowledge. Information obtained privately, as from conversations, correspondence, or discussions with other parties, should only be used if explicit permission is obtained from the sources. These written permissions must be included together with the initial submission of the manuscript. Information obtained in the course of confidential services, such as refereeing manuscripts or grant applications, must not be utilized.

Reference citations are not allowed in the Abstract of a paper.

GNU License

BJ does not accept GNU license for republication of material because of the restrictions on limiting further use and the specific requirements concerning credit.

Materials and Data Availability

When authors are willing to distribute materials, software, or databases, they should state so in the manuscript and provide details for access of the data, such as a website URL and/or contact information. When questions or disputes arise during review, the authors must be willing to make their primary data available to the handling editor.

Ethics

The Biophysical Journal expects authors to abide by the general ethics polices outlined by The Council of Scientific Editors and COPE. Please use the links below as references.

Council of Scientific Editors

CSE's White Paper on Promoting Integrity in Scientific Journal
Publications: http://www.councilscienceeditors.org/i4a/pages/index.cfm?pageid=3331

COPE

Responsible research publication: International standards for authors: http://www.publicationethics.org/files/International%20standards_authors_for%20website_11_Nov_2011.pdf

Databases

Sequences of nucleic acids and proteins, molecular structures from X-ray crystallography and NMR, as well as molecular models, electron microscopic reconstructions, and microarray data should be deposited in the appropriate database prior to publication. These data must be accessible without restriction upon publication of the submitted paper. Entry names or accession numbers must be included in the paper before its publication. Microarray data must be MIAME compliant.

To establish public access to the results of x-ray diffraction and NMR studies on biological

macromolecules, authors of papers describing new structures must submit to the Protein Data Bank or the Nucleic Acid Data Base all of the data required to validate their paper, including atomic coordinates. If the paper discusses a protein structure only at the level of the main chain alpha carbon atoms, then only alpha carbon coordinates need be deposited. If the discussion involves higher-resolution data, then a full coordinate list must be deposited. The handling editor should be informed no later than the completion of the editorial process that the necessary information has been sent to the appropriate data bank.

In keeping with generally accepted standards, coordinate files must be released by the date of publication. We encourage submission of lipid phase transition and miscibility data to LIPIDAT (M. Caffrey, The Ohio State University; http://www.lipidat.tcd.ie/).

Use of Human Subjects

If the manuscript reports results of studies of either human subjects or materials obtained from human subjects, it should state in the Materials and Methods section that the study was approved by the appropriate institutional review board (IRB) and/or that appropriate informed consent was obtained from human subjects.

Embargo Policies and Article Sponsorship

The Journal has a 12 month embargo policy, meaning that only *BJ* subscribers can gain access to the published article for the first 12 months. Authors do have the choice to pay an "Open Access" fee of $1000 in order to make the article freely available on the *BJ* website upon publication. Instructions are available upon acceptance, and authors should be careful to select this option when providing final source files.

Funding Body Policies

Howard Hughes Medical Institute

Authors funded by the Howard Hughes Medical Institute must indicate this funding upon acceptance if they wish to comply with HHMI's policy. Their paper will then be delivered to PubMedCentral six months after publication. HHMI authors will not be billed; Cell Press will bill HHMI directly.

Wellcome Trust

Authors funded by the Wellcome Trust must indicate this funding upon acceptance and pay $1000 to the Biophysical Society (instructions provided upon acceptance) if they wish to comply with Wellcome Trust's policy. Their paper will then be delivered to PubMedCentral upon publication; it will also be freely available on the *BJ* website.

National Institutes of Health

Under *BJ*'s 12 month embargo policy, the Journal automatically submits the final published article on behalf of the author to PubMedCentral. Therefore, all papers are in compliance with the NIH policy.

Errata

Authors of published *BJ* material have the full responsibility to inform *BJ* promptly if they become aware of any required corrections after publication. Authors should send the corrected text in a Word document to bj@biophysics.org. *BJ* will not change a paper after it has been published; instead, a Correction will be published in the next available issue and will be linked to the original publication online.

TYPES OF ARTICLES

Regular Articles

Regular articles should be submitted as a PDF file (authors using LaTeX can convert the file to PDF for submission) in the following format:

Manuscripts should be formatted as single-column, single-spaced documents, and text should be justified. Side margins should be 1". Font size should be 12, and fonts used should be Times New Roman for regular text, and Symbol for Greek and mathematical symbols.

NOTE: If you paper is accepted you will be required to meet specific file requirements prior to publication. See 'Final File Formats'.

Order of Manuscript Sections

Title Page
Abstract
Main Text (Introduction, Materials and Methods, Results, Discussion [or Results and Discussion], Conclusion)
Acknowledgments
References (numbered)
Tables (with title and legend provided below each table)
Figure titles and legends (if you are planning on publishing figures in e-color only, figure legends must remain color-neutral)
Figures (labeled with figure number only)
Please note : Instructions for Supporting Material are available at http://www.cell.com/biophysj/Authors.

Style

Papers are to follow the conventions of the Council of Biology Editors Style Manual.
Additional information can be obtained at http://www.cell.com/biophysj/Authors.

Title

The title of each manuscript should identify the content of the article; clarity and conciseness are essential for indexing, abstracting, and retrieval. Not more than 100 characters and spaces should be used. A condensed running title of no more than 40 characters and spaces must be provided on the title page.

Keywords

Up to six keywords or phrases not in the title must be provided. These will be used for indexing and for selecting reviewers.

Abstracts

Each manuscript must be accompanied by an informative abstract of no more than 200 words. Abstracts should describe the substance of the paper in language non-specialists can understand, and must make clear the paper's biological significance. Reference citations are not allowed in the Abstract of a paper.

Appendices

Appendices are formatted the same as the other major sections of the article (Materials and Methods, Results, Discussion, etc. for regular articles and appropriate section headings for reviews/perspectives) with one exception: instead of subheadings, the sections are broken down as Appendix A, Appendix B, and so forth, although subheadings within those aforementioned main "A" and "B" headings are permissible. The numbering of equations can either continue sequentially from the main text (34, 35, 36, ...) or can be specific to the Appendix itself (A1, A2, A3, ...). The numbering of reference citations continues sequentially (very important). Placement of the Appendix is immediately after the main text, i.e., before Supporting Material, Acknowledgments, and References.

Footnotes

The only footnotes should be on the first (title) page. All others should be listed at the point of reference parenthetically. Footnotes should be placed in the following sequence: *, †, ‡, §, ¶, ||, **, ††, ‡‡, §§, ¶¶, || ||, etc.

Materials and Methods

Capitalize trade names and give manufacturers' full names and addresses (city and state).

Equations

Equations are to be typewritten. Handwritten equations will not be accepted. Clearly indicate capital and lowercase letters. Label Greek and unusual symbols the first time they appear. Use fractional exponents instead of root signs. The solidus (/) for fractions will save vertical space. Equation numbers should be cited in the text without parentheses: e.g., Eq. 9, Eq. 10. Do not cite equations numerically only, but be sure to add the "Eq." Do not cite equations in the Abstract.

When creating equations, you may use LaTeX, Math Type, or Word's Equation Editor (not

Equation Builder; please see note below). However, please note that LaTeX files must be converted to .doc files by our composition team; as a result, approximately 1 week will be added to the production timeline for LaTeX manuscripts. The latter two options do not incur any extra conversion time during production.

Note: Due to technical problems associated with the program, Equation Builder (the default equation tool in Word 2007/2010) should not be used. To insert an Equation Editor equation in Word 2007/2010, go to the Insert tab, select the pull-down option labeled "Object", and choose "Microsoft Equation 3.0."

References

References are cited in numerical order in the text and are designated by that reference number in parentheses. The numbers, in parentheses, can be repeated at each citation of the referenced material. References appearing solely in figure legends and tables follow those in the text. Reference citations are not allowed in the Abstract. The following is an example of numbered citations:

> Membrane channels with large aqueous pores are traditionally regarded as "molecular sieves" that discriminate between different molecules based on their size (1,2). This simplified view, however, contradicts emerging experimental evidence that permeation through these structures involves intimate molecular interactions (3–5). Metabolite-specific channels exhibit affinity to their metabolites; permeating molecules do not just slip through the pore, but feel strong attraction to the pore-lining residues. The now classical example is bacterial porin LamB (6), where the existence of an extended binding zone for oligosaccharides is firmly established. More recent examples include ATP interactions with VDAC (3) and penicillin antibiotic interactions with the general bacterial porin OmpF (4,6,7,8).

Unpublished Data and Personal Communication

Citations such as "unpublished data" and "personal communication" should be included parenthetically in the text, with all authors' initials and last names, and MUST NOT APPEAR IN THE REFERENCE SECTION. For personal communications, include cited author's institutional affiliation and written permission to use material cited. For the reference list, follow the style of the examples listed here, noting that each reference is numbered according to the number in which it appears in the text.

Supporting References

All unique supporting references must be included at the end of the main-text reference list. Please see the Supporting Material instructions for more information: http://download.cell.com/images/edimages/Biophys/Supporting_Material.pd f

Adding and Deleting References

If references are added in the proof stage, they and their corresponding citations must be inserted per their proper numerical order and the rest of the citations/references renumbered accordingly. References deleted in the proof stage will read, e.g., "3. Reference deleted in proof." Their corresponding numbers will remain in the text.

Reference Formats

Journal articles

For references of journal articles, include all authors' names (do not use "et al."), year, complete article titles, volume number, journal name, and inclusive page numbers. Abbreviate the names of journals as in the Serial Sources for the Biosis Data Base (published annually by BioSciences Information Service of Biological Abstracts, Philadelphia, PA 19103); spell out the names of unlisted journals.

See the examples below:

1. Benditt, E. P., N. Ericksen, and R. H. Hanson. 1979. Amyloid protein SAA is an apoprotein of mouse plasma high density lipoprotein. Proc. Natl. Acad. Sci. USA. 76:4092–4096.
2. Brown, W., and A. Nelson. 1989. Phosphorus content of lipids. J. Lipid Res. In press.

3. Reference deleted in proof.
4. Yalow, R. S., and S. A. Berson. 1960. Immunoassay of endogenous plasma insulin in man. J. Clin. Invest. 39:1157-1175. Articles in Books
5. Innerarity, T. L., D. Y. Hui, and R. W. Mahley. 1982. Hepatic apoprotein E (remnant) receptor. In Lipoproteins and Coronary Atherosclerosis. G. Noseda, C. Fragiacomo, R. Fumagalli, and R. Paoletti, editors. Elsevier/North
Holland, Amsterdam. 173–181.
6. Myant, N. B. 1981. The Biology of Cholesterol and Related Steroids. Heinemann Medical Books, London.

Coordinate Files

References to any atomic coordinate set for a macromolecule obtained from public repositories must include a citation to the paper or papers in which the structure in question was first presented, as well as its database serial number.

Abstracts

CD version

Meeting Abstracts should be cited as follows:
Smith, R., S.E. Jones, T.J. Smith, (2006) Histone phosphorylation in DNA damage. 2006 Biophysical Society Meeting Abstracts. Biophysical Journal, Supplement, Abstract.

Print version

Smith, R., S.E. Jones, T.J. Smith, (2006) Histone phosphorylation in DNA damage. 2006 Biophysical Society Meeting Abstracts. Biophysical Journal, Supplement, 20a, Abstract, 814-Pos.

Complete books

1. Myant, N. B. 1981. The Biology of Cholesterol and Related Steroids. Heinemann Medical Books, London.

Articles in books

1. Innerarity, T. L., D. Y. Hui, and R. W. Mahley. 1982. Hepatic apoprotein E (remnant) receptor. In Lipoproteins and Coronary Atherosclerosis. G. Noseda, C. Fragiacomo, R. Fumagalli, and R. Paoletti, editors. Elsevier/North Holland, Amsterdam. 173-181.

Commercial software

All commercial software and products should provide the name and location of the manufacturer.

1. MATLAB (The MathWorks, Natick, MA).

Websites

Web references should be treated no differently than other references, and should appear as shown below.

1. Society, Biophysical. *Biophysical Society*. June-July 2010. Web. 08 July 2010. http://www.biophysics.org.

Tables

All tables should be typed double-spaced and carry a title. Do not use vertical rules. Tables must be in black & white.

Figures

Each figure should fit on one page and should be embedded in the submitted paper after the references.

Biophysical Letters

The Biophysical Letters section of the Journal is for the publication of unusually important and unusually timely short articles in diverse areas of biophysics. The criteria for acceptance of a letter are more stringent than for regular articles, and most submitted manuscripts will be returned without a full review after screening by members of the Editorial Board. Biophysical Letters are not meant to serve as a means of publishing preliminary results or material that lacks enough significance to be acceptable as a regular article.

All Letters must be submitted using the template provided by the Journal. The format for

Biophysical Letters is 2 columns and a maximum of 3 pages. You may download the template for letters here: http://biophysj.msubmit.net/html/biophysj_manuscript_templates.html
Letters that have been rejected may only be resubmitted if the handling editor has made the suggestion for resubmission in the decision letter to the author(s).

Biophysical Reviews

Biophysical Reviews are brief (approximately 5 printed pages), cover topics of current interest in biophysics, and are intended to provide a general overview of recent research. These articles are typically written by authorities in the field being reviewed and are directed to a broad range of scientists who wish to keep abreast of the best current research. All Biophysical Reviews are invited and are solicited by the Editor-in-Chief and Associate Editors, but nominations from outside the Editorial Board are welcomed. These suggestions will then be considered by the Editor-in-Chief, and if accepted, an invitation will be sent to the proposed author to submit a review. There are no page charges associated with an accepted review.
Please follow the same order and guidelines as for regular articles.

Comments to the Editor

These are short commentaries on a paper published earlier in *BJ*. These are NOT short original articles. In order for a submission to qualify as a comment, it must not contain unpublished data and must be entirely free of polemic. Comments to the Editor may be rebutted by the authors of the previously published article. Comments and any rebuttals are subject to review. Please follow the same order and guidelines of regular articles.

7.2. RESUMOS PUBLICADOS EM EVENTOS

7.2.1. SPECIFIC ANION EFFECT ON DNA TRANSLOCATION THROUGH PROTEIN NANOPORE publicado em **XXVI Reunião das Sociedades Brasileiras de Biologia Experimental** (2011).

ResumoID: 181-1

SPECIFIC ANION EFFECT ON DNA TRANSLOCATION THROUGH PROTEIN NANOPORE

BRITO, A.M.S.; MACHADO, D. C. ; RODRIGUES, C. G. ; KRASILNIKOV, O. V.
Departamento de Biofísica e Radiobiologia, UFPE

Keywords: alfa-hemolysin, DNA sequencing, Hofmeister, protein nanopore

Objectives:

In all currently used methodologies nucleic acids need to be marked and/or amplified before sequencing. The use of nanopore technology (that is believed to be a base of a new generation sequencers) does not demand amplification and/or labeling. Unitary α-hemolysin nanopore in planar lipid bilayers is supposed to be a key element of such sequencers where the "reading" of the nucleotide sequence will occur during electrophoretically driving translocation of single-stranded DNA (ssDNA) through the pore (Nanoscale, 2:468-483, 2010). However, the extremely high speed of ssDNA-translocation prevents a secure identification of nucleotides by this type of sequencer. The main objective of this study was to evaluate the influence of different anions on translocation speed of ssDNA molecules.

Methods and Results:

Planar lipid bilayer membranes of 40 pF capacitance were formed by the lipid monolayer apposition technique (Proc Nat Acad Sci USA, 69:3561-3566, 1972), using 1,2-diphytanoyl-sn-glycero-3-phosphocholine. *S. aureus* α-hemolysin was added from the cis side of the membrane in a concentration sufficient to form unitary protein nanopore in planar lipid membranes. The experiments were carried out at voltage clamp at room temperature of 25±1•C. The membrane-bathing aqueous solution contained 4 M KCl or KF (both 99.99% purity) in 5 mM Tris-citric acid buffer (pH 7.5). Poly-dA 50b ssDNA was used as a probe added in the cis compartment of the experimental chamber. As expected, the residence time (τoff) of the DNA inside of the pore was found to decrease with voltage. We have established the values of τoff depended strongly on the salt species demonstrating the specific (Hofmeister) effect. τoff was found to be significantly larger (22±2 times) in KF solution in compare with KCl. So a simple change in ion composition leads to considerable, more than one order of magnitude, improving the detection and analysis of nucleic acids.

Conclusions:

Modification of ion composition is the simple maneuvers considerably improves the resolution of kinetic parameters of DNA/α-hemolysin nanopore interaction and could be helpful for developing of nanopore based new generation DNA sequencers.

Financial Support: CNPq, FACEPE, INAMI

7.2.2. THE ENGINEERING OF PROTEIN-BASED NANOPORE FOR NUCLEOTIDE DETECTION publicado em **São Paulo School of Advanced Sciences** (2012)

Embrapa Agricultural Informatics

São Paulo School of Advanced Science
Advanced Topics in Computational Biology:
Agrochemical and Drug Design

THE ENGINEERING OF PROTEIN-BASED NANOPORE FOR NUCLEOTIDE DETECTION

Annielle Mendes Brito da Silva[1]; Janilson José da Silva Júnior[1,2]; Thereza Amélia Soares[2]; Cláudio Gabriel Rodrigues[1]

[1]Laboratory of Membrane Biophysics, Federal University of Pernambuco, Recife, Brazil. [2]Department of Fundamental Chemistry, Federal University of Pernambuco, Recife, Brazil.

Biosensor is a sensor whose recognition element is a biological or biologically derived material. Recently, stochastic sensing properties made possible the development of a new category of sensors – stochastic biosensors. The ionic channel (nanopore) formed by alpha-hemolysin produced by Staphylococcus aureus is being used to detect several reduced-size analytes, being considered a promising stochastic biosensor. This biosensor is based on construction of a thin lipidic bilayer, in which the alpha-hemolisin nanopore (αHL) is incorporated. This membrane separates the aqueous ionic solution on two compartments, connected electrically only by the nanopore. A transmembrane voltage applied makes the charged solutes (dissociated ions) to flowing through nanopore generating ionic current. Besides, the nanopore has the capacity of "self-reposition", where a new molecule can only get inside after the other has left, providing identification of individual molecule. Unfortunately, there are some limitations on detecting some analytes, mainly the charged ones, specifically DNA, because they translocation too fast in the nanopore, difficulty nucleotide identification. To render these analytes detection more specific, we can change the protein structure chemically or genetically. In our work, we propose the construction of mutant proteins by site-directed mutation, by the cysteine-scanning technique, in which we change a pre-existing amino acid for a cysteine. Through this technique, we can use MTS reagents (methanethylsulfonate) to reduce sulfhydryl groups, which are present in cysteine. Depending on the used reagent, there are positive or negative charges present inside the nanopore. This strategy can render analytes detection to be more specific. Besides measurements of ionic currents though alpha-hemolysin mutants, molecular modeling techniques are being applied as tools to explore and optimize chemical interactions between the biosensor and analytes. Molecular docking and molecular simulations are the major procedure used to address such interactions.

Keywords: biosensor; alpha-hemolysin; computational modeling.

7.3. TRABALHO PUBLICADO EM REVISTA

7.3.1. HOFMEISTER EFFECT IN CONFINED SPACES: HALOGEN IONS AND SINGLE MOLECULE DETECTION publicado em **Biophysical Journal** (2011)

Biophysical Journal Volume 100 June 2011 2929–2935

Hofmeister Effect in Confined Spaces: Halogen Ions and Single Molecule Detection

Claudio G. Rodrigues, Dijanah C. Machado, Annielle M. B. da Silva, Janilson J. S. Júnior, and Oleg V. Krasilnikov*
Department of Biophysics and Radiobiology, Federal University of Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brazil

ABSTRACT Despite extensive research in the nanopore-sensing field, there is a paucity of experimental studies that investigate specific ion effects in confined spaces, such as in nanopores. Here, the effect of halogen anions on a simple bimolecular complexation reaction between monodisperse poly(ethylene glycol) (PEG) and α-hemolysin nanoscale pores have been investigated at the single-molecule level. The anions track the Hofmeister ranking according to their influence upon the on-rate constant. An inverse relationship was demonstrated for the off-rate and the solubility of PEG. The difference among anions spans several hundredfold. Halogen anions play a very significant role in the interaction of PEG with nanopores although, unlike K^+, they do not bind to PEG. The specific effect appears dominated by a hydration-dehydration process where ions and PEG compete for water. Our findings provide what we believe to be novel insights into physicochemical mechanisms involved in single-molecule interactions with nanopores and are clearly relevant to more complicated chemical and biological processes involving a transient association of two or more molecules (e.g., reception, signal transduction, enzyme catalysis). It is anticipated that these findings will advance the development of devices with nanopore-based sensors for chemical and biological applications.

INTRODUCTION

Because ion-channel proteins are so finely tuned to respond to specific molecules, they serve as models for developing nanopore devices for biomolecular sensing. A single nanometer-scale pore formed by *Staphylococcus aureus* α-hemolysin (αHL) is one of the most promising biological structures for creating a single molecule detector and analyzer. However, further development of these strategies is impeded by several technological and scientific problems, including difficulties in stabilizing a nanopore-membrane complex over a period of time and insufficient understanding of physics that regulate the rate at which molecules enter into nanocavities and the energy of their interactions.

The salting-out effect is a very general phenomenon, in which the solubility of a solute in water is decreased when electrolyte is added. It occurs in cultured microorganisms, in aqueous dispersions of macromolecules and amino acids, in self-assembled amphiphilic structures, in the surface tension of water, and even simple gas molecules (1–8). Cations and anions affect salting-out processes with widely varied effectiveness. The ordering of ions in terms of their effectiveness is known as the Hofmeister series (9–11). In recent years, there has been an explosion in research articles tied to the Hofmeister series (11–14); however, despite this increase in attention, a molecular-level understanding of the Hofmeister series is still lacking. Moreover, to the best of our knowledge there are only four isolated publications related to nanopores: the influence of Hofmeister anion series on αHL channel formation in lipid bilayers (15); the anion-dependent gating of roflamycoin ion channels (16); and the specific guest-host complexation of the cyclic carbohydrate, γ-cyclodextrin, with adamantane carboxylate inside the pore of αHL channels (17); and the influence of alkali chlorides on αHL channel conductance (18).

Our recent studies with poly(ethylene glycol) (PEG) as an analyte (19,20) demonstrated that an increase in KCl concentration from 1 M to 4 M, leads to high-resolution recording of PEG/αHL nanopore interactions. The effect of salt concentration is linked with an ~100-fold increase in the on- and off-rate constants of the process (21–24). It was suggested that salting-out was responsible for the change in the on-rate constant (22), and consequently for changes in the transition rate and the detection limit.

The goal of this study was:

1. To investigate the influence of halides on a simple bimolecular complexation reaction between monodisperse poly(ethylene glycol) and α-hemolysin nanoscale pores;
2. To reveal whether halogen anions have a specific effect on complex formation; and
3. To disclose the possible mechanism of action.

To achieve this and to improve the sensitivity of nanopore sensors, we performed systematic studies of the kinetics of PEG/αHL channel interactions to examine the effect of halogen anions. The key finding is that the type of halogen anion strongly influenced PEG/αHL nanopore interactions. Remarkably, both on-rates and off-rates were affected. The anions track the direct and inverse Hofmeister series for the on-rate, and the off-rate and the solubility of PEG, respectively. The difference among anions spans several hundredfold. The specific effect appears dominated by hydration-dehydration processes where anions and PEG compete for water.

Submitted February 15, 2011, and accepted for publication May 4, 2011.

*Correspondence: kras@ufpe.br

Editor: Hagan Bayley.

© 2011 by the Biophysical Society

0006-3495/11/06/2929/7 $2.00

doi: 10.1016/j.bpj.2011.05.003

MATERIALS AND METHODS

Wild-type *S. aureus* α-hemolysin (αHL) was purchased from Calbiochem (Madison, WI). 1,2-diphytanoyl-*sn*-glycero-3-phosphocholine (DPhPC) was purchased from Avanti Polar Lipids (Alabaster, AL). High quality (>99.99%) halides (KCl, KF, KBr, and KI) were purchased from Sigma (St. Louis, MO). Monodisperse poly(ethylene glycol), (molecular mass = 1294 g/mol; PEG), was purchased from Polypure (Oslo, Norway). The 2-amino-2-hydroxymethyl-1,3-propanediol (TRIS) and citric acid were from Schwarz/Mann Biotech (Cleveland, OH) and Fluka (Buchs, Switzerland), respectively.

Solvent-free planar bilayer lipid membranes, with a capacitance of 40 pF, were formed by the lipid monolayer apposition technique, using DPhPC in hexane (J. T. Baker, Phillipsburg, NJ) at 25 ± 1°C. Because it was recently shown that the elevated KCl concentrations considerably improve single molecule identification by unitary protein nanopores (19,20,22), in this study membrane-bathing solutions contained 4 M halide in 5 mM TRIS adjusted to pH 7.5 with citric acid.

PEG1294 was used as a representative analyte and added to the *trans* compartment of the experimental chamber. αHL was added from the *cis* side of the membrane in a concentration sufficient to form unitary protein nanopores in planar lipid membrane. If not mentioned otherwise, the applied potential was 40 mV. A positive current is defined by cation flow from *trans* to *cis*. Single αHL nanopore incorporation and measurement of molecular signature parameters (mean duration and amplitude of the blockage), transition rate, and kinetic constants of the PEG-nanopore interactions were done essentially as described by Rodrigues et al. (22). In short, the on-rate constant, k_{on}, was defined as $1/(C_{PEG} \times \tau_{on})$. The characteristic time, τ_{on}, was obtained from the collected time intervals between the end of one blockade event and the onset of the next. The off-rate constant, k_{off}, was defined as $1/\tau_{off}$, where τ_{off} is the characteristic time of PEG staying in the pore. The constant of PEG-αHL pore complex formation, K_f, was calculated by using the association (on-) k_{on} and dissociation (off-) k_{off} rate constants as k_{on}/k_{off}.

Experiments were done using an Axopatch 200B amplifier (Axon Instruments, Foster City, CA) in voltage-clamp mode. Membrane potential was maintained using Ag/AgCl electrodes in 3 M KCl 2% agarose bridges assembled within standard 200-μL pipette tips. Currents were filtered by a low-pass eight-pole Bessel filter (Model 9002; Frequency Devices, Haverhill, MA) at 15 kHz and directly saved into computer memory with a sampling frequency of 50–250 kHz. Experiments employed dilute polymer solutions. The greatest PEG concentration used in bilayer experiments was well below the overlap concentration (~13%) (25) and solubility for this PEG (see Results and Discussion). The limit of PEG solubility was estimated by the modified cloud-point method as described by Rodrigues et al. (22). Inaccuracy was <1%.

RESULTS AND DISCUSSION

Conductance

First, we examined the conductance of single αHL channels surrounded by 4 M solutions of different halides. At the chosen pH (7.5), the channel was in a high conductance state at all transmembrane potentials from −200 mV to +200 mV in all solutions. Conductance-voltage curves of αHL channels in KF, KBr, and KI solutions were found to be slightly asymmetric (data not shown), similar to that in KCl (26). Such behavior probably results from the asymmetry in charge distribution between the channel openings and in the channel structure itself. The channel conductance was considerably higher in solutions of KCl, KBr, and KI compared with KF solution (more than one-and-a-half times) (Fig. 1). This finding appears to be in accordance with ionic conductivities

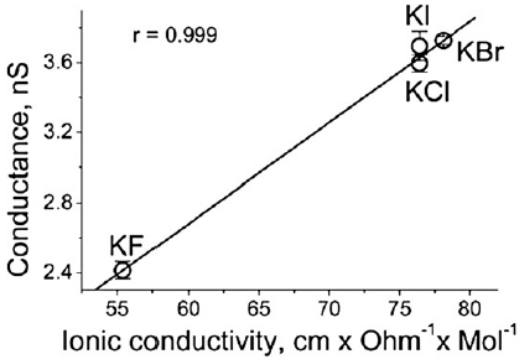


FIGURE 1 The correlation between the ionic conductivity of halogens and the αHL channel conductance (extrapolated to zero voltage) in 4 M halide solutions. Values of αHL channel conductance at zero voltage were obtained by fitting the experimental data points of *G/V* curves (obtained in the range of ±200 mV) with second-order polynomial function. (*Data points*) Means from at least three separate experiments ± SD. (*Line*) First-order regression fit of the data. The correlation coefficient is shown in the figure.

of halides (27) because a strong correlation between ionic conductivity of halogen anions and ion channel conductance was established (Fig. 1).

This result is consistent with earlier data for the channel obtained at low salt concentrations (28). In addition, we found that the ability of αHL to form ion channels was influenced considerably by the halogen ion species. It was highest in KCl (~10 pM of αHL is sufficient to form a single channel in the planar lipid bilayer) and smallest in KF solution (where up to 1 nM of αHL must be added). In KBr- and KI-solutions, the channel-forming activity was of intermediate magnitude. The result with KCl, KBr, and KI is consistent with earlier observations that the rate of αHL channel formation is inversely proportional to the size of the anions (15). However, the small channel-forming activity in the presence of KF in the bathing solution was unexpected. This influence of F^- needs further study.

Integral effect

Stable conductance of single αHL channels in all 4 M halide solutions was a prerequisite to using the channel as a sensor element. Using PEG1294 as an analyte, we found that the PEG effect is strongly influenced by anion type, and is voltage- and dose-dependent (Fig. 2). The maximal blocking effect was observed at 40 ± 10 mV. Such behavior is consistent with the findings of Rodrigues et al. (22) and indicates that molecules of nonionic PEG possess an acquired positive charge due to complex formation with K^+ in all halide solutions.

Single molecule events

As expected, high-resolution recordings of PEG/αHL interactions in the presence of different halides revealed a huge

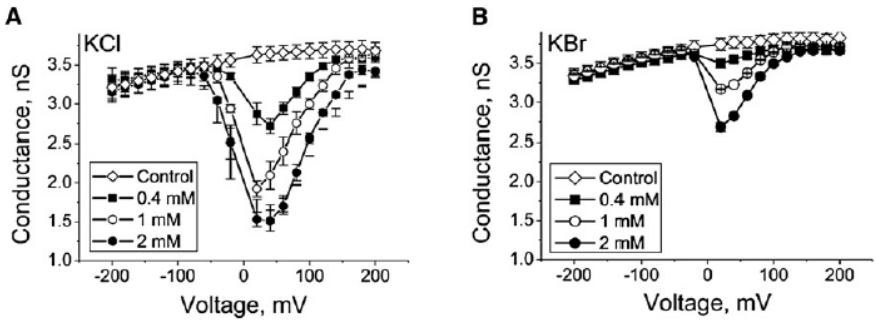


FIGURE 2 Effect of *trans*-side addition of PEG1294 to membrane-bathing solutions on channel conductance. (*A*) 4 M KCl; (*B*) 4 M KBr. The result of at least three independent experiments (mean ± SE) is presented in each case.

difference in the frequency and duration of well-defined current blockades (Fig. 3). Results obtained in KCl, KBr, and KI solutions indicate that the frequency of events is high in the presence of KCl, lower in the presence of KBr, and lowest in 4 M KI. The apparently lower frequency of PEG blockages in KF solution than in KI is delusive because there is a 40,000-fold difference in PEG concentration. It was not possible to use the same PEG concentration with KF-solutions due to much larger on-rate and much lower off-rate constants of the PEG/αHL interaction (see below). Interpolation of the KF results obtained at low PEG concentration (Fig. 3 *D*, 10 nM) to larger PEG concentrations projects much higher frequency values than seen in the presence of any other halides.

Rate constants of PEG/αHL channel interaction

To determine the reason for this anion-specific effect, we analyzed the rate constants of the process by essentially the same method as described recently by Rodrigues et al. (22). We have demonstrated that the on-rate constant (measured at an optimal 40 mV) is strikingly dependent on type of halogen (Fig. 4 *A*, *solid line*). The largest on-rate constant was observed with KF in the bath and the smallest in the presence of KI. The difference among on-rate values exceeded two orders of magnitude. The effect of anions follows the Hofmeister series: $F^- > Cl^- > Br^- > I$. The influence of anions on the off-rate constant follows the reverse Hofmeister series (Fig. 4 *A*, *dashed line*). The difference among off-rate values exceeded 20-fold, but was smaller than the difference among on-rate constant values. As a result, the formation constant of the PEG/αHL channel interaction follows the Hofmeister series (Fig. 4 *B*). Voltage dependencies of the kinetic constants in KF^-, KBr^-, and KI^- solution resemble those in KCl that we published recently (22). The off- and on-rate constants show turnover behavior with differences up to four orders of magnitude (data not shown). Detailed analysis of the effects of transmembrane voltage on dynamics of PEG-αHL channel interactions deserves careful study. These results will be included in a future work.

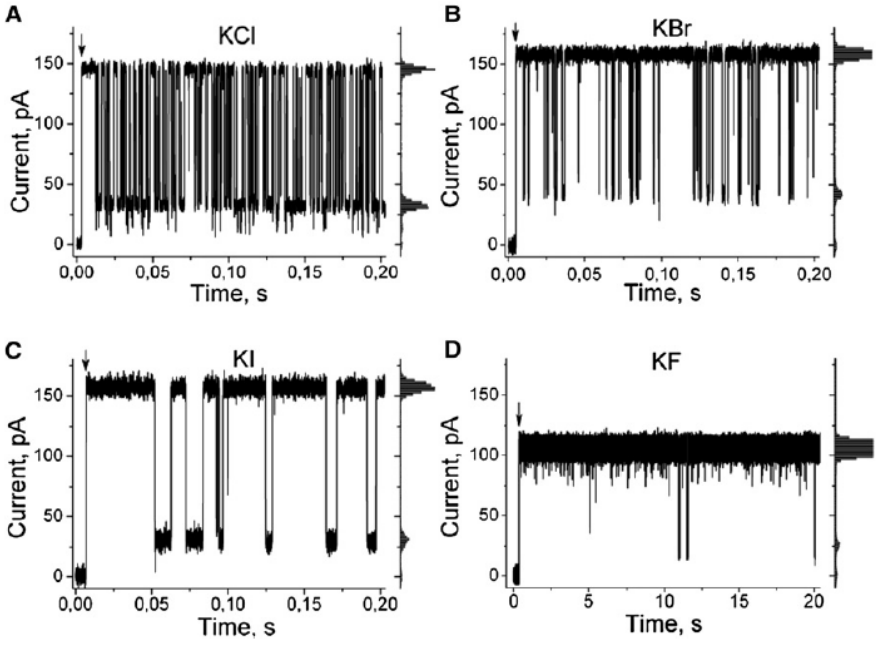


FIGURE 3 Typical traces of the ion current through single αHL channels in the presence of PEG1294 in the bath solution at a time resolution of 0.1 ms. (*Arrows*) Voltage shift from zero to 40 mV. Halide concentration was 4 M. Concentration of PEG was 400 μM (for *A–C*) and 10 nM (for panel *D*). Note the change in the timescale and PEG concentration from panels *A–D*. The respective all-point histograms are shown at the right of each record and used to give the mean value of blockage amplitudes. The effectiveness of such inhibition was very similar for all halides and comprised 73–80% of the maximal current.

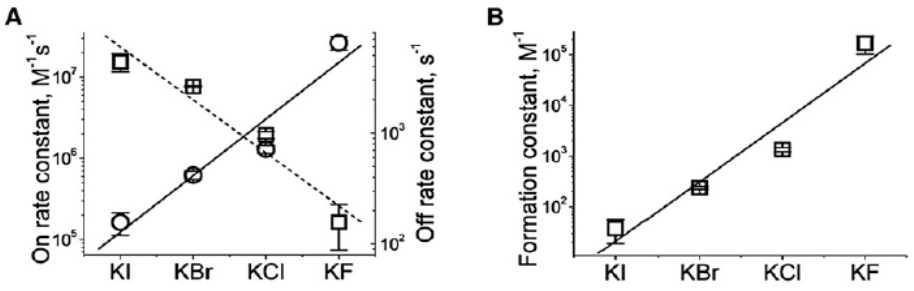


FIGURE 4 Specific ionic effect on the PEG1294/αHL pore interaction. The average on-rate (○, *solid line*), off-rate (□, *dashed line*) (*A*), and PEG/αHL pore complex formation constant (*B*) in 4 M solutions of different halides. (*Data points*) Means (± SD) of at least three single protein nanopores reconstituted in separate experiments with >5000 events as in Fig. 3. (*Lines*) Guide for the eye. The data presented in panel *A* were used to build the dependence shown in panel *B*.

PEG solubility in halide solutions

Salting-out was shown recently to affect the dependence of the on-rate upon KCl concentration (22). Therefore, we decided to verify whether salting-out is also responsible for the specific anion effects demonstrated above. The solubility of PEG in halide solutions was examined. The type of anion was found to exert a strong influence on PEG solubility. PEG solubility in 4 M KF (19 ± 2 μM) was more than two-orders-of-magnitude smaller than in 4 M KCl (3840 ± 390 μM). On the contrary, PEG solubility in 4 M KBr or 4 M KI was so large that it was not possible to determine precisely. To overcome this difficulty and obtain numerical values for all anions, we the carried out experiments with mixed (KF/KCl, KBr/KCl, and KI/KCl) solutions, keeping the total concentration at 4 M (Fig. 5).

Increasing the molar fraction of KF decreases PEG solubility, whereas increasing KBr monotonously increases it. PEG solubility as a function of KI concentration showed an anomalous molar fraction effect. KI decreased the solubility of PEG at small molar fractions, and started to increase only at a KI molar fraction larger than 0.15 (Fig. 5 *A*, *inset*). The reason for this effect has yet to be discovered.

Because PEG solubility in 4 M KBr and 4 M KI was practically impossible to determine, the values obtained at 1:1 molar ratios KX/KCl were used to compare with the kinetic constants of PEG/αHL pore interactions. A strong negative correlation exists between the on-rate constant and solubility, indicating the direct involvement of salting-out in this effect of halogen ions (Fig. 6 *A*). A positive correlation was established between the off-rate constant and PEG solubility (Fig. 6 *B*), reinforcing our conclusion that PEG salting-out dominates the specific effects of halogen ions on the on- and off-rates of PEG/αHL channel interactions.

Transition rate and detection limit

The PEG effect on αHL channel conductance is dose-dependent (Fig. 2). Recent studies (22–24,29) demonstrated that the event frequency (transition rate, $1/\tau_{on}$) is linearly related to the concentration of molecules of PEGs, cyclodextrin derivatives, and amino acids in KCl and NaCl solutions, thus providing a basis for quantifying these molecules. Here we have demonstrated that it is true for PEG in all halide solutions. In all cases the transition rate was directly proportional to analyte concentration (PEG in this case) with a slope of ~1 (0.97 ± 0.06) (Fig. 7). This finding suggests that the partitioning of analyte into the αHL pore can be described by a first-order reaction. Assigning reasonably the detection limit as a background equivalent PEG concentration at 1-Hz event frequency, we have established that it equals 8.0, 2.0, 0.5, and 0.05 μM (PEG1294) at 4 M of KI, KBr, KCl, and KF, respectively (Fig. 7). It is evident that the sensitivity of αHL pores to PEG depends crucially on anion type and is more than two-orders-of-magnitude higher in KF than in KI solutions.

It is known that experimental parameters, including pH, temperature, ionic strength, and applied potential have considerable influence on the resolution and sensitivity of stochastic

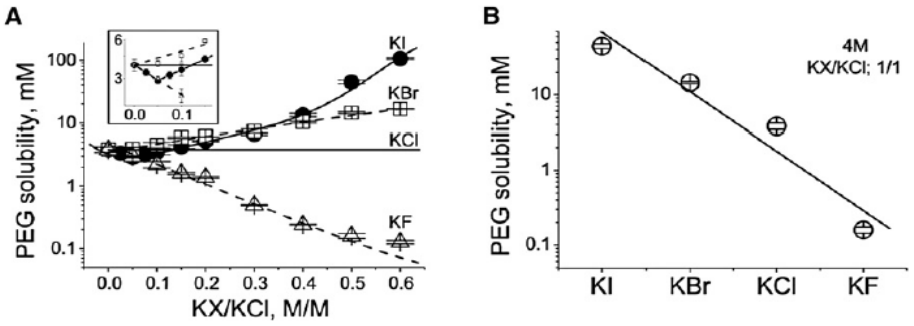


FIGURE 5 Solubility of PEG in 4 M halide solutions. (*A*) PEG solubility as a function of different molar fractions of KF, KBr, and KI in KCl solution. (*Inset*) The zone of the anomalous molar fraction effect for KI/KCl mixtures visualized at higher resolution. (*B*) Solubility of PEG at 1:1 (M/M) KX/KCl ratio, where *X* represents F^-, $Br-$, or I^-. (*Lines*) Guide for the eye. Total salt concentration was 4 M. (*Data points*) Means of 5–8 separate experiments ± SD.

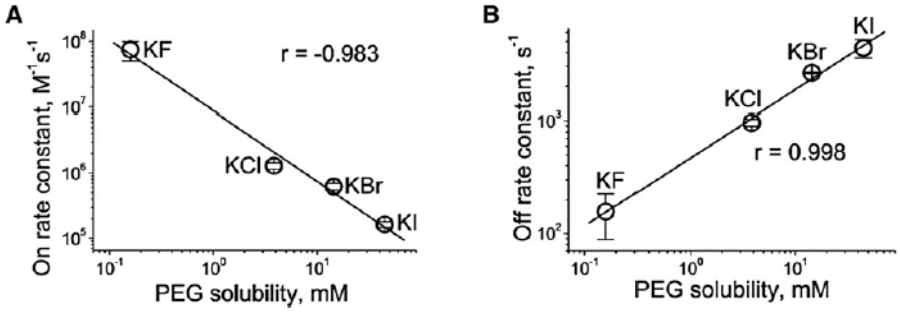


FIGURE 6 The on-rate (*A*) and off-rate (*B*) constants of PEG/αHL channel interaction as a function of PEG solubility. (*Data points*) Means of 5–8 separate experiments ± SD for solubility and at least three separate experiments for the rate constants. (*Lines*) First-order regression fits of the data. The correlation coefficient is shown in the figure.

detection. We have shown here that it could be significantly improved by simply using an appropriate type of electrolyte.

The role of hydration

In this study, halides were used at the same high (4 M) concentration where the difference in electrostatic interactions between analyte molecules and nanopore channels is significantly limited. However, a huge difference in kinetic constants of PEG/αHL channel interactions was established, indicating the specific ion effect (Hofmeister) in confined spaces such as those of protein nanopores. The competition between ions and analyte for water is frequently noted as one possible reason for Hofmeister effects. To verify that this competition is responsible for the observed effect of halides on PEG/αHL channel interactions, a correlation analysis between the rate-constants and anion hydration was performed. Very strong correlations between the rate constants of PEG/αHL channel interaction and the hydration enthalpy of anions were demonstrated (Fig. 8). Higher hydration of the anion resulted in a higher probability of the interaction and the stronger stability of the complex.

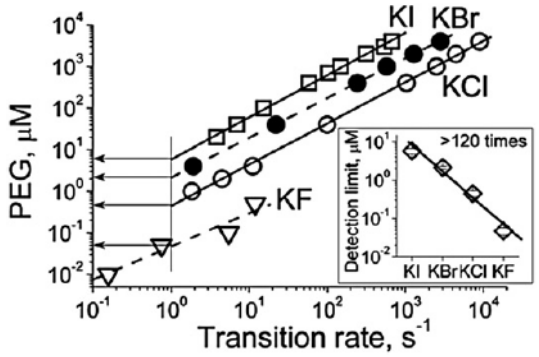


FIGURE 7 Transition rate and PEG concentration. The concentration of PEG1294 as a function of the transition rate in different halide solutions. (*Lines*) First-order regression fits of the data with a slope of 0.97 ± 0.06. (*Data points*) Means of at least three separate experiments. Standard deviations were omitted for clarity. (*Horizontal arrows*) Background equivalent PEG concentration at an event frequency of 1 Hz. (*Inset*) The background equivalent PEG concentration at different halide solutions. The number shown in the figure is the difference in values obtained in KI and KF solutions.

Higher hydration means that a large number of water molecules are bound to ions so that fewer of them are available to interact with cosolute (PEG, in this case). Because of this competition between ions and cosolute for water, it appears that ions exclude cosolutes from the bath to the protein nanopores which serve as harbors. Hence, the confined space presents more favorable conditions for PEG to compete with ions for water, indicating that the confined water is more accessible to PEG (and, probably, for other analytes (cosolute)). The existence of water that is accessible to nonionic analytes (confined water) accords with the presence of a hydration water layer at nanopore surfaces, where the presence of ions is severely restricted (30,31) and with remarkable decreases in the hydration number for ions confined in nanospaces (32).

Electroosmotic flow

All experiments presented in our study were made at high (4 M) salt concentrations. At first glance, a significant electroosmotic flow through αHL channel would not be expected under these conditions because it is known (26) that the cation-anion selectivity of αHL channel at high KCl concentrations is close to zero. This means that the channel is unselective and the transport number of cations and anions is equal to ~0.5. On the other hand, it seems reasonable to assume that for this condition (nonselective channel), the water transported per ion might be equal to that in the primary hydration sphere. Thereby one would expect that despite a similar transport number between cations and anions, the net water transport will not equal zero, because the hydration numbers of the anions (4.97, 2.87, 2.30, and 1.67 (27) for F^-, Cl^-, Br^-, and I^-, respectively) are significantly different from the hydration number for K^+ (3.33).

Moreover, the anions rank in Hofmeister series according to their hydration number. If this parameter dominated the kinetics of PEG/αHL channel interactions, the on-rate constant might be largest in KI and the lowest in KF solution, that is, exactly the opposite to the established dependence (Fig. 4 *A*). Ionic mobility is another important characteristic of ions that could influence the results. However, their ionic mobilities do not correspond to their

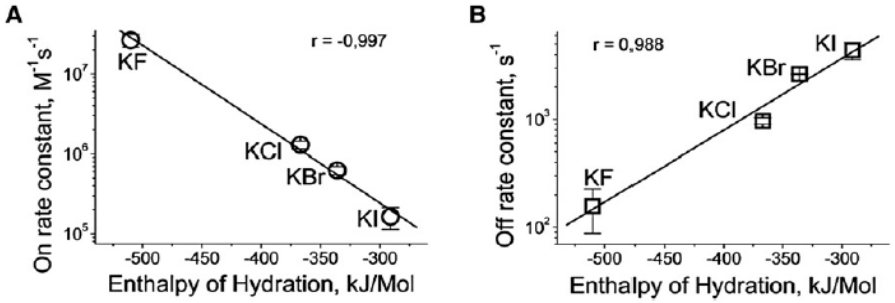


FIGURE 8 Rate constants of PEG/αHL channel interactions in halide solutions as function of hydration enthalpy of anions. Enthalpy values were taken from Marcus (27). The correlation coefficient is shown in the figure.

rank in the Hofmeister series: F^- has the lowest mobility (55.4 cm^2 Ohm^{-1} Mol^{-1}), whereas the mobilities of other three anions are close to each other (76.4–78.1 cm^2 Ohm^{-1} Mol^{-1}) (27). The foregoing reasons permit us to conclude that in 4 M potassium halide solutions, electroosmotic flow does not significantly affect the observed dynamics, if at all.

CONCLUDING REMARKS

In this work, we systematically investigated the interaction of the nonionic polymer, PEG, with a protein pore formed by αHL in planar lipid bilayers in solutions of different halides. We found that the type of anion has very strong influence on the rate constants of the process (the difference reaches several hundredfold). As a consequence, the transition rate and the detection limit of the nanopore-based sensor were correspondingly changed. All probed anions follow the Hofmeister ranking according to their influence on the on-rate constant ($F^- > Cl^- > Br^- > I^-$). An inverse relationship was demonstrated for the off-rate and the solubility of the analyte ($F^- < Cl^- < Br^- < I^-$). Therefore, a salting-out phenomenon is responsible for the anion-induced effect on single molecule detection with solitary protein nanopores. The specific effect appears dominated by hydration-dehydration (chemical) processes where ions and cosolutes compete for water.

We have shown that halogen ions play a very significant role in creating conditions for polymers to interact with the nanopores although K^+ (not anions) binds with PEG (22,33,34). Anion influence may provide an explanation for why the residence time for PEG in KCl solution is ~100-fold longer than expected from a theoretical model based on an electrostatic (Poisson-Nernst-Planck) approach (35). Hereby our findings provide what we believe to be previously undescribed insights into physicochemical mechanisms involved in single-molecule interactions with nanopores. The results will advance the development of devices with nanopore-based sensors for chemical and biological applications. Moreover, though our study deals with a simple first-order kinetic complexation reaction, our results are clearly relevant for more complicated chemical and biological processes, which involve a transient association of two or more molecules (e.g., reception, signal transduction, enzyme catalysis) where the hydration-dehydration reactions occur.

The authors thank Dr. Steven D. Aird (University of Maryland, University College Asia) for editing that improved the clarity of the manuscript.

This work was supported by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, a Rede de Nanotecnologia Molecular e de Interfaces, and Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Nanotecnologia Para Marcadores Integrados, Brazil.

REFERENCES

1. Lo Nostro, P., B. W. Ninham, …, P. Baglioni. 2006. Hofmeister effects in supramolecular and biological systems. *Biophys. Chem.* 124: 208–213.
2. Koynova, R., J. Brankov, and B. Tenchov. 1997. Modulation of lipid phase behavior by kosmotropic and chaotropic solutes: Experiment and thermodynamic theory. *Eur. Biophys. J.* 25:261–274.
3. Collins, K. D., and M. W. Washabaugh. 1985. The Hofmeister effect and the behavior of water at interfaces. *Q. Rev. Biophys.* 18:323–422.
4. Lo Nostro, P., B. W. Ninham, …, P. Baglioni. 2005. Specific ion effects on the growth rates of *Staphylococcus aureus* and *Pseudomonas aeruginosa*. *Phys. Biol.* 2:1–7.
5. Lopez-Leon, T., M. J. Santander-Ortega, …, D. Bastos-Gonzalez. 2008. Hofmeister effects in colloidal systems: influence of the surface nature. *J. Phys. Chem. C.* 112:16060–16069.
6. Zhou, H. X. 2005. Interactions of macromolecules with salt ions: an electrostatic theory for the Hofmeister effect. *Proteins.* 61:69–78.
7. Zhang, Y. J., and P. S. Cremer. 2006. Interactions between macromolecules and ions: the Hofmeister series. *Curr. Opin. Chem. Biol.* 10: 658–663.
8. Jungwirth, P., and D. J. Tobias. 2006. Specific ion effects at the air/water interface. *Chem. Rev.* 106:1259–1281.
9. Hofmeister, F. 1888. Doctrine of the effect of the salts. Second communication [Zur lehre von der wirkung der salze. Zweite mittheilung]. *Arch. Exp. Pathol. Pharmakol.* 24:247–260.
10. Kunz, W., P. Lo Nostro, and B. W. Ninham. 2004. The present state of affairs with Hofmeister effects. *Curr. Opin. Colloid Interface Sci.* 9: 1–18.
11. Zhang, Y., and P. S. Cremer. 2010. Chemistry of Hofmeister anions and osmolytes. *Annu. Rev. Phys. Chem.* 61:63–83.
12. Jungwirth, P. 2009. Spiers Memorial Lecture. Ions at aqueous interfaces. *Faraday Discuss.* 141:9–30, discussion 81–98.
13. Freire, M. G., C. M. S. S. Neves, …, J. A. Coutinho. 2010. ^{1}H NMR and molecular dynamics evidence for an unexpected interaction on the origin of salting-in/salting-out phenomena. *J. Phys. Chem. B.* 114:2004–2014.
14. Zhang, Y. J., and P. S. Cremer. 2009. The inverse and direct Hofmeister series for lysozyme. *Proc. Natl. Acad. Sci. USA.* 106:15249–15253.

15. Krasilnikov, O. V., R. Z. Sabirov, and B. A. Tashmukhamedov. 1986. The influence of ionic composition of the medium on the dynamics of staphylotoxin channel formation in BLM. *Biologicheskie Membrany.* 3:1057–1061.

16. Grigorjev, P. A., and S. M. Bezrukov. 1994. Hofmeister effect in ion transport: reversible binding of halide anions to the roflamycoin channel. *Biophys. J.* 67:2265–2271.

17. Gurnev, P. A., D. Harries, …, S. M. Bezrukov. 2009. The dynamic side of the Hofmeister effect: a single-molecule nanopore study of specific complex formation. *ChemPhysChem.* 10:1445–1449.

18. Bhattacharya, S., J. Muzard, …, V. Viasnoff. 2011. Rectification of the current in α-hemolysin pore depends on the cation type: the alkali series probed by molecular dynamics simulations and experiments. *J. Phys. Chem. C.* 115:4255–4264.

19. Krasilnikov, O. V., C. G. Rodrigues, and S. M. Bezrukov. 2006. Single polymer molecules in a protein nanopore in the limit of a strong polymer-pore attraction. *Phys. Rev. Lett.* 97:018301.

20. Robertson, J. W., C. G. Rodrigues, …, J. J. Kasianowicz. 2007. Single-molecule mass spectrometry in solution using a solitary nanopore. *Proc. Natl. Acad. Sci. USA.* 104:8207–8211.

21. Orlik, F., B. Schiffler, and R. Benz. 2005. Anthrax toxin protective antigen: inhibition of channel function by chloroquine and related compounds and study of binding kinetics using the current noise analysis. *Biophys. J.* 88:1715–1724.

22. Rodrigues, C. G., D. C. Machado, …, O. V. Krasilnikov. 2008. Mechanism of KCl enhancement in detection of nonionic polymers by nanopore sensors. *Biophys. J.* 95:5186–5192.

23. Zhao, Q., D. A. Jayawardhana, and X. Guan. 2008. Stochastic study of the effect of ionic strength on noncovalent interactions in protein pores. *Biophys. J.* 94:1267–1275.

24. Nestorovich, E. M., V. A. Karginov, …, S. M. Bezrukov. 2010. Blockage of anthrax PA63 pore by a multicharged high-affinity toxin inhibitor. *Biophys. J.* 99:134–143.

25. Zitserman, V. Y., A. M. Berezhkovskii, …, S. M. Bezrukov. 2005. Non-ideality of polymer solutions in the pore and concentration-dependent partitioning. *J. Chem. Phys.* 123:146101.

26. Krasilnikov, O. V., P. G. Merzlyak, …, M. F. Capistrano. 2005. Protein electrostriction: a possibility of elastic deformation of the α-hemolysin channel by the applied field. *Eur. Biophys. J.* 34:997–1006.

27. Marcus, Y. 1997. Ion Properties. Marcel Dekker, New York.

28. Krasilnikov, O. V., and R. Z. Sabirov. 1989. Ion transport through channels formed in lipid bilayers by *Staphylococcus aureus* α-toxin. *Gen. Physiol. Biophys.* 8:213–222.

29. Movileanu, L., S. Cheley, and H. Bayley. 2003. Partitioning of individual flexible polymers into a nanoscopic protein pore. *Biophys. J.* 85:897–910.

30. Bek, S., and E. Jakobsson. 1994. Brownian dynamics study of a multiply-occupied cation channel: application to understanding permeation in potassium channels. *Biophys. J.* 66:1028–1038.

31. Li, S. C., M. Hoyles, …, S. H. Chung. 1998. Brownian dynamics study of ion transport in the vestibule of membrane channels. *Biophys. J.* 74:37–47.

32. Kaneko, K., T. Ohba, …, S. Iijima. 2005. Nanospace molecular science and adsorption. *Adsorption.* 11:21–28.

33. Okada, T. 1991. Thermodynamic origin of selectivity in polyoxyethylene complexes with alkali cations. *J. Chem. Soc. Chem. Commun.* 17:1209–1210.

34. Harris, J. M. 1992. Introduction of biotechnical and biomedical applications of poly(ethylene glycol). *In* Poly(Ethylene Glycol) Chemistry: Biotechnical and Biomedical Applications. J. Milton Harris, editor. Springer, New York. 1–14.

35. Reiner, J. E., J. J. Kasianowicz, …, J. W. Robertson. 2010. Theory for polymer analysis using nanopore-based single-molecule mass spectrometry. *Proc. Natl. Acad. Sci. USA.* 107:12080–12085.